

ASSIGNATURAS		
ANNO....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
—
APARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Muita gente aguardava anciosamente roncasse a Tijuca resolvendo esse momentoso caso da *Panther*, elevado ás melindrosas proporções de uma offensa á integridade do territorio nacional. Houve até ingenuos que lançaram formidaveis olhares para a barra, onde suprehendiriam a volta da divisão do almirante Alexandrino conduzindo, aprisionada, mettida a ferros, encabrestada por um solido reboque, essa encaiporada canhoneira, que já fizera diabruras em Venezuela e andou pelos nossos portos do sul desembarcando tripolações arreliadas, que em alguns delles provaram, sem protesto, esfregações do cacete nacional.

Mas a coisa não fôra tão feia quanto a pintaram o governador de Santa Catharina e outros informantes, desvairados pela primeira impressão, quasi sempre enganadora, dando tons pejorativos exaggerados aos mais vulgares, aos mais naturaes, aos mais innocentes factos deste mundo. Pelas peças officiaes publicadas na imprensa e no *Diario Official*, ficamos sabendo que não houve violação do nosso territorio, porque jámais poderia ter tamanho alcance o desembarque de uma patrulha de marinheiros allemães para procurar, com as mais candidas intenções, um camarada desertor; houve, apenas, uma innocente visita ao hotel de Gabriel Keil, á casa de Jacob Zimmermann, em Itajahy, em busca de informações; o já famoso Steinhauff não foi prezo, não foi encontrado a bordo da *Panther*. Quando muito, os marinheiros allemães, commandados por officiaes á paisana, cometeram o delicto de perturbação do somno daquelles burguezes, facto que não pôde, directa ou indirectamente, interessar a nossa lerdá soberania nacional.

De toda essa complicação, simplifi-

cada numa nitidez de azeite e vinagre, resta apenas um ponto obscuro: Que foi feito desse famigerado Steinhauff que por um tris ameaçou as amistosas relações entre as duas grandes potencias — a Allemanha do kaiser e o Brazil do sr. Rodrigues Alves? Dizem que partiu num veleiro para Florianopolis, onde não chegou. Ter-se-ia sumido, tragado pelas ondas que, na hypothese, teriam servido de esponja diplomatica? Ninguém sabe. A argucia dos inqueritos não resolveu o problema: Steinhauff volatilizou-se, mergulhou no mysterio.

Seja como fôr, para nós outros pacifistas forçados pelas contingencias inecluctaveis da nossa fraqueza, a solução do caso da *Panther* está de accordo com os nossos idéaes perfumados de flôres de oliveira, muito mais civilizados e fecundos do que folhas de louro orvalhadas pelo sangue dos heróes. Foi melhor assim: ficámos tranquilos, na doce consolação de continuarmos a merecer a amizade da grande potencia europeá e afastámos do nosso caminho essa pedra que se poderia transformar em obstaculo formidavel

A nossa diplomacia não fez quanto desejariam os patriotas exaltados, que estremeceram de entranhado jubilo, quando se aparelharam, do pé para a mão, contra os habitos dos nossos morosos movimentos navaes, os navios da divisão do almirante Alexandrino; mas não ha constestar que fez o que pôde e quem assim procede não merece condemnação ou censura. Quem não pôde brigar a muque, briga com manha; por isso, tinha carradas de razão o velho Bismarck quando affirmou, como fórmula verdadeira, que a diplomacia, sem utilidade para as nações fortes, é o recurso e a arma das nações fracas.

A concepção bismarckiana da politica internacional se synthetizava nas seguintes palavras:

« A astucia é a arma do fraco. A diplo-

macia é o expediente dos que não ouzam combater. Um Estado vencido, um Estado que não pôde, com algumas probabilidades de successo, recorrer ao argumento da força brutal, tem necessidade de diplomatas superiores. Um Estado que se sente certo da victoria pelas armas, passará sem diplomacia. »

A nota que trançou o incidente aprecia a «rectidão e a presteza com que o governo imperial procedeu no exame e decisão deste caso, dando mais uma prova dos seus elevados sentimentos de justiça»; mas declara que não pôde o governo da Republica, «quaesquer que sejam os uzos das marinhas de guerra em outros paizes, deixar de lamentar que o commandante da *Panther* tivesse incumbido officiaes e praças da sua guarnição de fazer indagações em terra, mesmo obrando com a maior reserva e prudencia, para verificar o paradeiro de um desertor, tanto mais quanto o mesmo commandante declara que contava com a bôa vontade das auctoridades territoriaes, ás quaes compete, incontestavelmente, praticar as diligencias de policia necessarias para a descoberta, captura e entrega dos desertores.»

« Considera o governo brasileiro encerrado este incidente e, por sua parte, mui cordealmente deseja, como sempre, que se fortaleçam cada vez mais os laços da antiga e bôa amizade entre o Brazil e a Allemanha. »

Os officiaes da *Panther* serão submettidos, de acordo com os inqueritos, á justiça militar.

Não era possivel exigir mais.

Vem-nos, entretanto, á penna recordar que um commandante dessa mesma tresloucada *Panther* foi punido, severamente, por estrepolias praticadas em Venezuela.

Não se podendo bitolar o Brazil pela republica do presidente Castro, é de esperar que o conde Saurma seja, pelo menos, enforcado.

Então, havemos de convir em que o sr. Rio Branco, justamente trium-

phante, mandará á fava os seus criticos. começando pelo formidavel jornalista que hoje rebrilha na primeira columna da *Tribuna*.

* *

Estamos verificando os vergonhosos efeitos das leis atamancadas á ultima hora, nas vascas das estafadissimas sessões do Congresso.

A lei suprema, a lei de meios, como se dizia nos ominosos tempos da monarchia, saiu errada, inquinada do mal de pouco caso, de azafama, de relaxamento, que se tem manifestado em todas as leis. Não é raro observar no *Diario Official* que uma lei, um regulamento são repetidos para a correcção de erros da primeira publicação.

O vice-presidente do Senado verificou que não fôram incluídas na ultima lei, disposições votadas pelo Congresso e supprimidas ou alteradas no autographo enviado á sancção e publicado no *Diario Official*.

Depois de receber a lei os derradeiros sacramentos, parece que não ha remedio sinão aguentar-a como está, com os seus erros de copia e de essencia, com os seus absurdos, as suas monstruosidades.

Essa, como todas as nossas leis, participam da tara dos seus fautores; nem era de esperar outra coisa de leis feitas no eito do Congresso pelo pessoal das turmas de feitores accyoliuos e quejandos arbitros dos destinos da Republica, os procéres da política dos governadores.

Esse caso de omissão é muito menos perigoso do que os casos de excesso pelo facto de se introduzirem sorrateiramente, criminosamente, nos autographos disposições que não fôram votadas. E, em taes condições, sómente o Congresso poderá concertar a lei que saiu errada, a menos que se não queira estabelecer a praxe de serem ellas remendadas, mesmo depois da sancção, precedente que abria uma larga porta, mais franca que a barra do Rio de Janeiro, a toda a sorte de camarão.

Taes factos indecorosos, porque depõem contra a correcção dos trabalhos legislativos e provam a falta de escrupulo com que são tratadas coisas

tão importantes, demonstra que essa peça do aparelho constitucional está desequilibrada, está fóra dos eixos, perturbando a marcha normal do mecanismo: é indispensavel concertal-a ou supprimit-a. Permanecer como está, será manter um iustrumento de vergonha, de descredito da Republica.

O Congresso necessita de ser reorganizado com pessoal consciente da sua alta missão, com gente que tenha a responsabilidade dos seus actos, com homens dignos que se não submettam á indecente funcção de automatós, indifferentes ao bem, ao mal, aos resultados da obediencia passiva aos mandões que os elegeram.

A honra nacional tem sido demasadamente cospurcada, por esse aviltante regimen da politica dos governadores que estão, agóra, inventando todos os meios de fraude para burlarem as medidas sanitarias da ultima lei eleitoral. Ella necessita, uo abandono a que foi condemnada, de uma duzia, pelo meuos, de homens capazes de restaural-a, de homens, como o sr. Barbosa Lima, consagrados, sem restricções, á causa publica e cuja palavra, echoando com a resonancia de uma eloquencia cutilante, accorde nos corações anestesiados as noções do patriotismo e suscite a reacção redemptora, pacifica, ou violenta, pouco importa; em todo o caso, um movimento energico agitando a serenidade mortifera do pantano.

Os efeitos negativos da refórma eleitoral importarão na morte das derradeiras illusões do povo; serão a derradeira decepção dos alentados por vislumbres de esperanças.

E é preciso que os homens de governo se convençam de que ha desillusões irremediaveis.

POJUCAN.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

* *

As officinas dos « Annaes », dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A quinta e ultiima parte do livro dr. Bomfim é, sem duvida, a mais extravagante de todo elle.

Para tal privilegio, bastante é considerar ser aquella em que se contém a sciencia anthropologica e ethnographica do auctor. E' uma verdadeira comedia.

Percebe-se facilmente ter sido, neste ponto, o alvo principal do jovem medico — dizer mal, systematicamente, dos brancos, principalmente hespanhóes e portuguezes, e exaltar os negros, indios e mestiços de todas as gradações. Bomfim bate-se pela unidade e egualdade completa, absoluta dos homens e das raças.

Houve tempo em que essa patranlia liberalisante era defendida em nome do dogmatismo christão, em nome da theologia catholica principalmente: *eramos todos filhos de Deus, nosso Senhor*. Podia-se lá falar em desigualdade entre essa irmandade?

Hoje defende-se a mesmissima curiosa illusão em nome do dogmatismo democrata, em nome do catechismo socialista. Bomfim é deste ultimo partido.

O mais interessante, porém, é que o desembaraçado esculapio não sabe o que quer. Em coisas de anthropologia e ethnographia — seu espirito é uma gruta opaca, onde nada se destaca nítido. As contradicções andam aos pares e de braço dado.

Dest'arte, chega a passar uma surriada em quem ainda agóra cáe na patetice de falar em *raça aryana* e vive, entretanto, com a bocca cheia de *raça latina*!... Não repara que si absurdo é crer naquella, maior ainda é acreditar na outra.

«E' caso para admirar, escreve Jean Finot, a teimosia dos francezes ou dos italianos em se proclamarem *povos latinos*». No momento em que a Hespanha, gravemente ferida por uma crise que chega a ser inquietadora ácerca de sua salvacção, é objecto dos debiques dos outros povos; no momento em que tantas republicas intituladas *latinas* espantam o mundo pela incoherencia de sua vida social e politica, teimar, a despeito de tudo, em filiar-se na familia, cujas táras e defeitos não se cessa de criticar, é o cumulo do heroismo. E, todavia, as provas formigam todos os dias em livros sérios ou humoristicos, nos discursos dos politicos ou dos homens de Estado, nos escriptos dos jornalistas, dos pensadores ou dos cientistas. Tanto o poder do erro disfarçado em verdade é maior do que o da propria verdade!»

Este João Finot, ao menos, é coherente; não acredita em *distincção al-*

guma de raças e escreve um livro — *Le Préjngé des Races*, cheio dos maiores disparates, valha a verdade, mas de uma admirável coherencia no erro. Isto comprehende-se. A attitude incerta e vacillante dos Bomfins é que não produz a menor vantagem a qualquer dos partidos que se degladiam.

Mas examinemos a alludida quinta parte, tocando-lhe nos problemas principaes.

Tomei nota alli das seguintes questões: a *hombridade* das gentes peninsulares, sua assombrosa faculdade de *assimilação*, *reprodução* destas nas colonias, caracter do indio e do africano, suas grandes virtudes, raças suppostas *inferiores*, os louros *dolichocephalos*, povos morenos, raça aryan, selecção natural applicada aos povos, Oliveira Martins e o quilombo dos Palmares, mestiços, revivescencias das luctas historicas, estado do povo, a Republica, possibilidade ou não de aggressão e conquista da America do Sul por parte de nações europeas, doutrina de Monröe, eliminação das classes superiores, o estado real da America do Sul, calumnias de Gustavo Le Bon, etc., etc. E' uma encyclopedia, uma interminavel miscellanea. Quasi tudo errado. Bomfim abriu a torneira e deixou correr abundante a caudal dos espantosos. pensamentos. Abençoado rapaz... que intrepidez!

Não poderei, certo, ferir sinão um ou outro ponto; isto mesmo, indicando apenas as theses do livro e fazendo-lhes um rapido commentario.

Os capitulos da citada parte, são: I — *Elementos essenciaes do character; raças colouisadoras; effeitos dos cruzamentos*; II — *Revivescencia das luctas anteriores*; III — *Perspectiva da aggressão*; IV — *As nações sul-americanas em face á civilisação e ao progresso*.

E' tempo de passar ás theses e seus indispensaveis commentarios:

a) «As nações peninsulares se destacam na historia, á parte o *parasitismo*, por duas qualidades primordias: uma *hombridade* patriótica, intransigente, irreductivel, levando os individuos a todos os heroismos e resistencias; e um extraordinario *poder de assimilação social*. Desta *hombridade* patriótica derivam todos os exaggeros e perversões guerreiras dos povos ibericos... Apesar disso, as raças ibericas mostraram possuir uma força de *assimilação* de que não se tem exemplo em nenhum outro povo da Europa. Não se conhece outro caso de se fundirem, assim rapidamente e tão perfeitamente, raças tão diversas e tantas, como na peninsula». (Paginas 264, 5 e 6.)

E' uma caracterisação ethnica falsa, reproduzida, sem criterio, das phantasias de Oliveira Martins. Bomfim, de

facto, nas duas ultimas partes do livro voltou a depennar o imaginoso escriptor portuguez. Acha ensejo de lhe tomar quatorze trechos com um total de cento e cincoenta e duas linhas, colheita menor do que a recolhida nas partes anteriores, mas, ainda assim, assáz consideravel.

O principal, porém, é mostrar serem falsas as duas singularidades hispanicas.

A *hombridade*, si bem a compreliendo, é synonymo de amor á patria, á liberdade, coragem de defendel-a, intrepidez na lucta.

Os ibericos possúem, até certo ponto, essas qualidades; mas devemos lembrar-nos de que as esqueceram, quando foi da conquista dos godos, que não encontraram resistencia, e, ainda mais, quando foi da dos arabes, que a encontraram ainda menor.

Cumpre, outrosim, advertir que mais intensa se tem revelado a famosa *hombridade* nos povos *scandinavos*, que nunca fôram, que se saiba, conquistados por estranhos; pelos *allemaes*, que tambem nunca gemeram sob o jugo estrangeiro; pelos *albaneses*, os *corsos*, e até os proprios *francezes*, cujo *furor bellico* é proverbial. O mesmo se observa entre os *berberes*; e a tenacidade *saxonica*, que chegou a absorver todos os seus adversarios, mereceria egual denominação, si os inglezes tambem fôsem cultores de phrases feitas.

A *hombridade*, para tudo dizer de uma só vez, é como a *presumpção e a agua benta*, de que cada um toma a porção que lhe convém. O que ha é que a *caldeirinha* em que os hespanhóes costumam aspergir-se, é tão grande que elles pôdem tomar banho dentro della. Sáem de lá ensopados e entram a bradar que elles, sim, elles é que sabem ter *hombridade*. E' um séstro. Deixal-os com elle.

Pelo que toca á *assimilação das raças*, mais profunda do que á de todos os paizes conhecidos, é apenas uma tolice de Martins, quero dizer... de Bomfim.

O contrario é exactamente a verdade: o *particularismo* hespanhol é mais accentuado do que o de qualquer outro povo europeu. O *gallego* dista immenso do *catalão*; ambos, enormemente, do *castelhana*; os tres, profundamente, do *andaluz*, e assim por diante...

A mim me dizia uma vez o saudoso Juan Gutierrez, o denodado mancebo que foi morrer heroicamente em Canudos, tendo-lhe eu perguntado si não pretendia ir visitar a sua terra: «Não; estou já muito acostumado a este meio fluminense; a *diversidade profunda* das gentes hespanholas me havia de chocar demasiado». E como me admirasse desse motivo e me revelasse in-

credulo deante de taes divergencias, narrou-me então coisas curiosissimas a respeito.

Não vem ao caso repetil-as. O moço artista, porém, tinha razão, porque vejo o que elle me dizia confirmado em Pompeyo Gener. Este distincto scientista, notavel como philosopho e critico, assim se expressa: «España no es un país *único*, sinó un país esencialmente *múltiple*. Más bien es una *federación de pueblos diversos* que un *mismo pueblo*. Varias son sus razas, distintas sus procedencias, diferentes los medios en que han vivido desde su instalación en la peninsula. Invasiones varias han dejado en el suelo ibero sus descendencias, cada qual en las comarcas más apropiadas á su temperamento y aptitudes. Sin contar con los antiguos autoctenas del país, cuyo origen es insuficientemente conocido, vinieron á poblar nuestra peninsula, iberos celtas, preemitas (liksos? egipcios?), griegos, fenicios, cartagineses, romanos, godos, suevos, vándalos, arabes, francos, moros, judios, y varios otros pueblos.

En el territorio peninsular cinco grandes divisiones geográficas marcan las principales agrupaciones de estas razas y pueblos, correspondiendo así á cinco agrupaciones etnográficas y filológicas actuales.

En el país vasco una raza análoga á las turco-altaicas ó negro-finezas, conserva aún una lengua primitiva del grupo de las aglutinadas.

Extiendense los *catalanes* (raza latina en el fondo, mezclada de godo, celta, griegos y fenicio) desde los Pirineos orientales á Murcia, y desde las llanuras de Aragón á las islas Baleares, mezclándose en el reino de Valencia con la raza sarracena.

Predominó este pueblo en el antiguo reino de Aragón y extendió sus conquistas á oriente. Corresponden á los *castellanos* las llanuras de ambas Castillas con toda la España central, el reino de León y las alturas de Asturias hacia el norte; su sangre es la mezcla de la latina y de la goda con la céltica en el norte, y la árabe y la morisca en el centro y en el sur. Los *gallegos* forman una raza unica con los *portuguezes*; en el fondo todos son antiguos lusitanos, y predominan en ellos los elementos céltico y latino, en proporciones casi iguales. Y por fin los *andaluces* el sur de la peninsula, sobrepujando en ellos al elemento latino y vándalo el elemento semítico, presemítico y aún, en ciertos logares, el mogol». (*Heregias*, pagina 60.)

E' a esta variedade de gentes, com seus impulsos, genios, indoles, caracteres, costumes diversos, que Bomfim chama o paiz onde *mais profundamente se fundiram as raças*... Martins tinha

escripto esse disparate e o trabalho do sr. Manoel foi só o de copiar. Quiz resgatar os enormes *xingamentos* passados aos povos peninsulares, como bulhentos, anarchicos, depredadores, crueis e parasitas, outorgando-lhes dois privilegios, a *hombridade* e a faculdade *assimiladora*, que, por exaggerados, se transformam em dois erros, duas falsidades.

Urge passar a outro ponto. Eis aqui uma segunda proposição :

b) «Este paragrapho—*inferioridade de raças*—é o mais interessante. Ao examinar a influencia de cada uma das raças sobre as novas sociedades, importa pouco o estudo das qualidades positivas dos selvagens e dos negros (*E' falso*); o essencial é saber qual o valor absoluto (*Valor absoluto é tolice*) dessas raças em si, a sua capacidade de progressista : si são civilisaveis ou não. Tanto vale discutir logo toda a celebre theoria das *raças inferiores*. Que vem a ser esta theoria? Como nasceu ella? A resposta a estas questões nos dirá que tal theoria *não passa de um sophysma abjecto do egoismo humano, hypocritamente mascarado de sciencia barata* (Faz sociologia insultando os maiores escriptores), e cobardemente applicado á exploração dos fracos, pelos fortes (*E' falso*.) Em face das reivindicações, que formam a assencia mesma da moral moderna, o egoismo dos fortes teria que ceder : *Os homens são eguaes; não devem uns explorar os outros*.

Eguae? reflectiu a philosophia dos dominadores. *E si nós pudessemos contestar uma tal* (Que lingua!) *egualdade? Estamos no seculo da razão e da sciencia, recorramos á sciencia, e proveamos que os homens não são eguae*. Voltaram-se, então (*Quando foi isto?*) os sociologos do egoismo e da exploração para a historia contemporanea, e encontraram que, *no momento*, como em todos os tempos, os homens não se apresentavam no mesmo estado de desenvolvimento social e economico (*E' falso; não é este o motivo*): havia uns mais adeantados do que outros, uns já decaídos, outros ainda na infancia; e, sem hesitar, traduziram (*Está errado*) elles esta desigualdade actual, e as condições historicas do momento, como a expressão do *valor absoluto* (?) das raças e das gentes, a prova de sua aptidão ou inaptidão para o progresso. A argumentação, a demonstração scientifica, não chega a ser *perfida*, porque é *estulta*; mas foi bastante que lhe pudessem dar esse nome de *theoria scientifica do valor das raças* (Quem foi e quando?), para que os exploradores (*Quaes?*), os fortes do momento (*Que momento?*), se apegassem a ella. Ha povos superiores e povos inferiores, pois que, neste momento, ha uns que

são mais cultos, e mais ricos e poderosos do que outros.

Estes si se mantêm ainda na barbaaria, é porque são incapazes de progredir; os que decaíram são povos decrepitos, exgotados; formam uns e outros a categoria dos inferiores; só os adeantados neste seculo (*Quanto disparate, santo Deus!*), só estes, devem ser considerados aptos para o progresso —, concluiu a ethnologia privativa das grandes nações sateadoras. .» (Pag. 278 e seg.)

Eis ahi: nunca a doutrina da *egualdade das raças* teve um advogado tão desasado. Multiplica os adjectivos insultuosos, julgando que basta este grosseiro expediente para dar ganho de causa ao seu socialismo de collegial; finge argumentar com algum pobre de espirito, que houvesse caído na patetice de fazer provir a *desegualdade* das raças do facto de agóra, hoje em dia, estarem umas mais adeantadas do que outras, para se gabar de victoria; assoalha que a velha doutrina, por elle desastradamente combatida, é uma invenção recentissima do que actualmente se costuma chamar a *pretenção imperialista*, no claro intuito de desviar um debate meramente scientifico para o das paixões partidarias da actualidade. Baldado esforço, porém!..

As diferenciações entre as raças humanas, a maior ou menor progressibilidade entre ellas — não é coisa para ser apagada por motivos tão futeis. *E' velha*, é secular doutrina, estribada nos mais imparciaes e despreocupados estudos da pre-historia e da historia, da anthropologia e da ethnographia, com que a politica nada tem a ver. São iuvestigações sinceras, objectivas, meramente scientificas em que teem tomado parte os maiores espiritos e os mais profundos sabios. Boucher de Perthes, Sartet, Broca, Darwin, Mortillet, Huxley, Topinard, Häckel, Wallace, Lyell, ao lado de Bopp, Pott, Ewald, Schleicher, Max Müller, Schrader, Bréal, Burnouf, Jubainville, Renan, Ihering, e milhares de outros, todos a uma, biologos, anthropologistas, historiadores, linguistas, sociologos,—depararam essas diferenciações, sem a minima preocupação pejorativa, politica, religiosa ou de qualquer outra ordem.

O *imperialismo hodierno*, que não passa de uma attribuição de fracos inspirada pelo medo, é uma graciosa phantasia dos modernos, si o compararmos com o dos antigos, dos medievicos e dos temerosos tempos do chamado *absolutismo regio*.

Chefes selvagens ou barbaros, reis despotas, sedentos de sangue, aristocracias bulhentas, de grosseiros instinctos e insaciaveis appetites, levavam pelo cabresto a pobre humani-

dade. As conquistas, as *razzius*, as depredações eram do numero das fontes mais abundantes dos erarios nacionaes.

Hoje quasi tudo isto passou; não existem mais terras abandonadas para ser occupadas, nem continentes exóticos para ser submettidos. A partilha européa da America fez-se nos seculos XVI e XVII; a da Oceania, nos seculos XVII e XVIII; a da Africa, no seculo XIX; a da Asia, tanto quanto podia sel-o, nos seculos XVIII e XIX. E digo—*tanto quanto podia sel-o*, porque é evidente haver alli parado a aventura partilhadora.

A fatalidade que impellia o europeu a apoderar-se de todos os continentes, para os explorar por si ou por seus descendentes, chegou a illudir-se com a Asia. Armada com as conquistas dos russos na Siberia, no Caucaso, no Turquestan; com as dos inglezes na India e na Indo-China; com as dos francezes na Conchinchina e no Touquim, a audacia européa tentou ir por deante; mas teve de recuar em face da maior licção historica de todos os tempos, após a dos persas na Europa, no periodo das guerras medicas.

Quero me referir á sublime e nunca assáz admirada derrota dos russos pelos japonezes.

Assim como a derrocada dos persas serviu para mostrar, desde os velhos tempos, — que a *Europa era dos europeus*, chegada é a occasião de se ficar sabendo que a *Asia deve ser dos asiaticos*.

Salutares avisos já tinham sido dados; mas de prompto esquecidos.

Assim, a humilhação dos francezes no Mexico em 1864, e a recente dos hespanhóes, em Cuba, deante dos Estados-Unidos, já claramente estavam a indicar que a divisa de Monroe é muito mais séria do que possam suppor os orgulhosos europeus e seus inconscientes sectarios latino-americanos.

Na propria Africa, a gananciosa filaucia dos agitadores do Velho-Mundo, inebriada com a facil divisão do Congo, do Soldão, do Zanzibar, da costa e da contra-costa de Angola, de Moçambique, do Cabo e do interior do continente, não falando na Argelia e em Tunis, atreveu-se a medir-se com velhas, respeitaveis, venerandas nações historicas, como a Abyssinia.

O resultado foi essa tragedia de Adua, Makalé e Abigha-Risna, que só encontra superiores, em modernos tempos, nas abençoadas victorias dos japonezes no Extremo-Oriente e dos americanos em Manilha e Santiago de Cuba.

Quero com estas indicações mostrar que o *imperialismo europeu*, longe de ser uma criação de nossa epocha, re-

cebeu nella, ao contrario, rudes golpes, que o fizeram recuar e comprehender que hoje só lhe resta um campo licito de lucta: o das industrias, da navegação, do commercio, da competencia economica, em summa.

Ora, não seria em tal momento e em taes conjuncturas que elle havia de inventar, com fins politicos, a theoria das raças inferiores. Seria a mais rematada das ineptias, porque importava implicitamente o reconhecimento da superioridade dos japonezes, dos abexins, não falando já na dos norteamericanos, coisas que os vaidosos europeus não seriam tão tolos que viessem a proclamar perante o mundo inteiro.

A explicação do sr. Bomfim é, pois, uma creancice que se esborôa por si.

A doutrina das differenciações das raças e sua divisão em mais progressistas e menos progressistas não é, repito, uma criação de agóra, nem é uma invenção propositada de politicos gananciosos e depredadores, sedentos de conquistas.

Menos ainda se originou de facto da desigualdade actual dos diversos estados de cultura entre os povos. Seria um contra-senso que só espiritos desvairados se lembrariam, como o sr. Manoel, de attribuir aos mais notaveis cientistas.

As distincções entre as raças fôram notadas pelos competentes em todo o curso da existencia do homem, desde a prehistoria e entre as gentes actuaes.

A analyse mostrou que as primeiras e mais rudimentares fôram substituidas por outras, que se revelaram mais capazes; mostrou que as primeiras não chegaram a crear civilizações prosperas e adeantadas, ao passo que as outras o conseguiram; mostrou, finalmente, que, ainda hoje, existem certos povos, antiquissimos aliás, alguns dos quaes andaram em contacto com altas e famosas civilizações sem que se tivessem civilisado. Incapazes de produzir uma civilização propria, autochtone, original, teem-se revelado ao mesmo tempo inhabeis para, em massa, adoptarem a civilização alheia e a desenvolverem num sentido proprio.

Tal é o caso dos indigenas equatoriais da Africa e da America: os negros e os indios.

Donde provieram as differenças nativas, si do facto do precursor do homem ter chegado a elle em pontos varios da terra (*hypothese polygenista*); si de violentos cataclismas em regiões variadas terem actuado sobre os primitivos, separando-os irremessivelmente em grupos, que se conservaram distinctos e sem cruzamento durante millenios, distincção ajudada cada vez mais pela acção dos meios physicos (*hypothese monogenista*), o caso

vem a ser o mesmo para a sciencia imparcial.

Tanto é isto exacto, pondera J. Deniker, que o mais ferrenho sectario da *unidade primordial* e da *indistincção originaria* das raças, é forçado, quer queira quer não, a admittir, sob a acção dos meios, desde os primordios, tres ou quatro ou mais typos distinctos. «D'ailleurs, que l'on admette l'unité ou la pluralité des espèces dans le genre *Homo*, ou sera toujours obligé de reconaitre le fait positif de l'existence, dans l'humanité, de plusieurs *unités somatologiques*, ayant chacune son caractère propre, et dont les combinaisons et les mélanges constituent les différents *groupes ethniques*. Ainsi, les monogénistes, même les plus intransigeants, aussitôt après avoir établi, par hypothèse, une *seule espèce d'homme* ou de *précurseur de l'homme*, font vite évoluer cette espèce sous l'action des milieux, en trois ou quatre ou en plus grand nombre de *troucs primitifs*, ou *types*, ou *races*, etc., en un mot en *unités somatologiques*, qui, en suite, vont se mélanger entre elles et former les peuples, etc.» (*Races et Peuples de la Terre*, pag. 10).

Deniker, que é actualmente um dos mais distinctos anthropologistas francezes, apezar de suas tendencias para a doutrina dos unitaristas e confuscionistas dos homens, não tem a coragem e a sem-ceremonia de apagar as differenças entre as raças, como faz o inconsciente e mediocre J. Finot.

Ensinando que se não devem confundir os *grupos ethnicos* com as *raças*, estabelece que, examinando-se attentamente os primeiros, chamados *povos*, *nações* e *tribus*, etc., conhece-se que se distinguem uns dos outros sobretudo pela lingua, o genero de vida, os costumes, e verifica-se que os mesmos traços do typo physico se encontram em dois, tres ou mais grupos ethnicos, ás vezes assás afastados um do outro. No seio mesmo da maior parte destes grupos, encontram-se variações do typo physico tão accentuadas que se chega a admittir a hypothese da formação destes grupos pela mistura de muitas *unidades somatologicas* distinctas.

E' a estas *unidades*, pondera sempre o auctor, que se deve dar o nome de *raças*, tomando o termo em sentido largo. E' um *conjuncto de caracteres somatologicos*, que outr'óra se encontrava em uma reunião real de individuos e que hoje se encontra espalhado por fragmentos, em dózes variaveis, em diversos *grupos ethnicos*. dos quaes não se póde mais separar sinão por uma analyse delicada.

Seria possivel, si o quizesse, com o auxilio de Broca, Huxley, Bagehot, Wallace, que peculiarmente consultei no ponto em debate, aprofundar o

assumpto e accentuar as *differenças* das raças.

Não se faz preciso, porque o nosso Bomfim poderá dizer que as não contesta, refugando apenas a *superioridade* de uma e a *inferioridade* de outras.

Será um mero sophysma, porque a maior capacidade para a civilização origina-se da propria differenciação ethnica, ou, melhor, é exactamente uma das provas dessas distincções e separações.

Concedo que não seja, como faz o proprio J. Deniker, preciso fazer do *Homem* um *genero*, dividido em *especies*, mas apenas uma *especie*, dividida em *variedades*; concedo mais que, em vez de *raças superiores*, se diga—*mais progressivas*, e em vez de *inferiores*, qualificativo que tanto assanha o sr. Bomfim, se diga *menos progressivas*. Mas dahi a chegar o que pretende leviamente o auctor da *A America Latina*—vêe um abysmo.

Já agóra não acabo esta parte de minha analyse sem lhe pôr sob os olhos uma pagina de um escriptor alheio á politica, pagina bem anterior ao que se veio a chamar o *imperialismo* hodierno.

Por ella o sr. Bomfim poderá ver o sentido em que a sciencia veio a falar desde os inicios do seculo XIX em raças inferiores ou incultas e raças superiores ou *civilisadas*.

Em 1855, escrevia Ernesto Renan em seu extraordinario livro—*Historia Geral e Systema comparado das linguas semiticas*, referindo-se ao apparecimento e successão das raças no velho mundo: «1º: Raças inferiores, não tendo deixado recordações, cobrindo o sólo desde uma epocha impossivel de investigar historicamente e cuja determinação cabe ao geologo. Estas raças desapareceram, em geral, em todas as partes do mundo occupadas pelas grandes raças civilisadas. Por toda parte, realmente, os aryas e os semitas encontram, quando se vêem estabelecer em um paiz, raças semi-selvagens por elles exterminadas e que sobrevivem nos mythos dos povos mais civilisados sob a fórmula de raças gigantescas ou magicas, nascidas da terra não raro sob a fórmula de animaes. As partes do mundo onde não chegaram as grandes raças, Oceania, Africa do centro e do sul, Asia septentrional, ficaram entregues a essa humanidade primitiva que devia mostrar profundas diversidades, desde o doce e ingenuo filho das Antilhas ás populações más de Assam e de Bornéo, até o voluptuoso taitiano, *mas sempre uma incapacidade absoluta de organização e de progresso* (Vá vendo, Bomfim, o que são raças inferiores ou improgressivas). 2º: Apparição das primeiras raças civilisadas: chins, na

Asia oriental, kuschito-hamitas, na Asia occidental e Africa do norte. Primeiras civilizações impregnadas dum character materialista; instinctos religiosos e poeticos pouco desenvolvidos; fraco sentimento da arte, mas sentimento mui apurado da elegancia; grande aptidão para as artes manuaes e as sciencias de applicação; litteraturas exactas, mas sem idéal; espirito positivo, voltado para o negocio, o bem-estar e o prazer da vida; ausencia de espirito publico e de vida politica; ao contrario, uma administração muito aperfeiçoada, e tal que os povos europeus só a vieram a ter sinão na epocha dos romanos e nos tempos modernos; pouca aptidão militar; linguas monosyllabicas ou sem flexões; escripta hieroglyphica ou ideographica. Estas raças contam 3.000 ou 4.000 annos de historia antes da éra vulgar.

Todas as civilizações kuschito-hamitas desapareceram sob o esforço dos semitas e dos aryas. Na China, porém, esse typo de civilização sobreviveu e chegou até nós.

3º: Apparecimento das grandes raças nobres, aryas e semitas. Surgem ao mesmo tempo na historia, a primeira na Bactriana, a segunda na Armenia, 2.000 annos antes da éra christã.

Muito inferiores, a principio, aos kuschito-hamitas no tocante á civilização exterior, os trabalhos materiaes e a sciencia de organização que faz os grandes imperios, excediam-no immensamente quanto ao vigor, a coragem, o genio poetico e religioso.

Os aryas excedem, logo de começo, os semitas em espirito politico e militar, e, mais tarde, na intelligencia e aptidão para as especulações racionais; os semitas, porém, conservam por muito tempo uma grande superioridade religiosa e acabam por attraír todos os povos aryas para as suas idéas monotheistas.

O mahometismo, sob este aspecto, corôa a obra essencial dos semitas, que foi de simplificar o espirito humano, banir o polytheismo e as enormes complicações em que se perdia o pensamento religioso dos aryas. Cumprida esta missão, a raça semitica decêe rapidamente e deixa a gente dos aryas caminhar á frente dos destinos do genero humano».

Não sei si este bello escorço do apparecimento e successão das raças no velho-mundo dará ao sr. Bomfim uma idéa do qualificativo—*inferiores*,—que se pôde trocar por — *menos progressivos*, applicado a certos grupos humanos, desaparecidos ou ainda existentes. Si não, *tant pis pour lui*...

Mas, cumpre lembrar, no livro, pelo que diz respeito a raças, não existe só essa arrelia sobre povos *inferiores*;

ha umas duras investidas contra os aryas, de que tanto falou Renan na pagina transcripta.

SYLVIO ROMÉRO.

D'AQUI E D'ALLI

A moral sem Deus—Conflicto de opiniões Num inquerito interessantissimo, a *Revue* publicou a opinião dos

homens mais notaveis nas sciencias, nas lettras sobre esse transcendente assumpto da moral sem Deus.

Na impossibilidade de dar aos nossos leitores integralmente todas as respostas, traduzimos as conclusões do inquerito.

*

«Muitos auctores se insurgiram contra a idéa de uma moral popular e outra qualquer. A phrase ainda vulgar:—E' preciso uma religião para o povo — não é mais acceita por ninguém.

Os partidarios da fé respondem pre-emptoriamente: Não, não sómente para o povo, mas para todo o mundo.

Os partidarios da razão affirmam: Não, nem mesmo para o povo.

O problema da moral religiosa ou leiga se encontra assim, desembaraçado da velha questão de saber si se antolha de maneira diversa para esta ou aquella categoria social.

No estado actual da sociedade, a verdade, seja religião ou razão, se impõe a todos e todos tem direito a ella.

Eis um dos resultados importantes e definitivos do grande debate instituido pela *Revue*.

A ethica popular, confundindo-se com a ethica geral, sómente restaria a discutir a moral com ou sem Deus, problema a que os nossos eminentes colaboradores deram soluções absolutamente antitheticas.

Uns, como Ferdinand Brunetiere, Mézières, Anatole Leroy Beaulieu, o abbade Gayraud, dizem que o apoio do dogma é indispensavel.

Primeiro que todos, declara o deputado de Brest, trata-se de uma revelação que devemos accetar; depois, é particularmente Brunetiere quem fala — o character obrigatorio do dever só pôde decorrer de sua natureza religiosa. Para que lhe obedeçamos é necessario que elle emane de uma auctoridade divina que nos ordene, nos fiscalize, nos recompense e nos castigue — «Deus nos vê» — diz Anatole Leroy — Beaulieu — E' necessario que o dever figure assim subtraído ás modificações incessantes que lhe infligiriam as vacillações da razão humana.

Para que reúna sob a mesma lei todos os membros de uma sociedade, é preciso que esse dever seja retirado da apreciação individual e imposto por uma religião indiscutivel—*religio* — o que liga.

*

Outros escriptores — Claretie, Aulard, Charles Gide, Séailles, Mirbeau, Berthelot, Charles Richet, Louis Havet, o presidente Magnaud, Maurice Bouchor, Eugène Fournière, Durkheim—declararam, ao contrario, que a razão é o guia do homem: que elle não poderia admittir milagres como a revelação; que a razão não justifica a creença christã, os dogmas, a hereditariiedade do peccado original, a redempção da humanidade pelo sacrificio do Christo, da condemnação divina fulminada contra os peccadores.

Quando se lhes objecta que a moral nacional nenhuma sancção offerece, nem tem auctoridade para tornal-a effectiva, respondem que a sancção religiosa — inferno ou paraíso — introduz o interesse onde deveria sómente imperar a magestade do dever.

Pela voz de Max Nordau, elles ponderam que hoje as promessas ou ameaças religiosas teriam acção minima sobre os crentes si estes não fôsem refreidos pelas sancções civis, respeito á lei ou medo da policia.

Quando se diz aos mesmos auctores que a razão é variavel, elles respondem com Anatole France: «A religião não variou tambem? Ella se modifica incessantemente. Admittamos que a razão seja vacillante, mas, si sómente temos neste mundo esse apoio, porque seremos privado delle?» Ou como disse Diderot: «Só tenho para me guiar numa floresta sombria uma pequena lanterna vacillante; veio um theologo e extinguiu-a com um sopro.»

Em vez de uma moral christã, elle propõe uma racional divergente em varios pontos.

A sua ethica attende mais á vida terrestre, aos gozos que esta pôde proporcionar; rejeita o anthropocentrismo christão, — não somos o fóco supremo do Universo — ella se encanta no amor da Natureza, na infinidade do mundo material, como dizia Fernand Buisson. Ella não nos impõe a resignação aos soffrimentos: ao contrario, devemos procurar evital-os porque não é certo ser-nos concedida outra compensação; devemos realizar, na terra, a organização social que assegurará a felicidade ao maior numero dos mortaes.

Certos auctores, Alfred Fouillée, Elisée Réclus, sem adoptarem o dogma, julgam que a razão não basta para guiar a humanidade. Appellam para o sentimento

Existem em nós impulsos que sentimos generosos, que, muito comple-

xos, pôdem certamente ser justificados pela razão, mas por meio de uma sabia analyse. Sabemos que não são contrarios á razão, mas vamos dissecal-os; não hesitamos em seguil-os, porque nos aperfeiçoam. E' por exemplo, dessa maneira que devemos amar a patria, ter compaixão dos fracos e confiar no triumpho da justica.

Emile Boutroux e Sully-Prudhomme tentam conciliar o idéal religioso com a razão. No fundo desta, diz-nos o philosopho, se encontra o principio religioso, que é a intuição da relação das coisas com a causa primaria; não se deve rejeitar essa adivinhação do infinito: basta purificá-la das superfectações do dogma. E' essa a idéa de Renan: conservar o sentimento religioso sem os detalhes da crença.

Por sua vez, o grande poeta Sully-Prudhomme inquirir si não seria possível viver conforme a razão, sonhando o outro mundo. Teremos amado a vida, e, como saberemos que cada um dos nossos actos poderá ter um sentido supraterrrestre, nos apresentaremos sem inquietação no limiar do mysterioso.

A serenidade que todos devem a taes idéas se manifesta em suas proprias palavras; mas não é certo que semelhante conciliação conquiste os adeptos da fé, nem os da razão.

*

A verdade é que os dois partidos mantêm as suas posições.

Neste debate, o leitor lucrou, pelo menos, ouvir, de um lado e do outro, as vózes mais auctorizadas: terá encontrado os argumentos mais poderosos, e exterruados com muita eloquencia, sustentando as respectivas opiniões; e fornecendo-lhe meios de avigorar o seu juizo pessoal sobre a difficuldade do problema proposto. — PAUL GSELL.

POLITICA EXTERIOR

O PERIGO DE AMANHÃ

Aos dezeseis do mez corrente devem reunir-se na pequena cidade de Algeiras, que demora em frente a Gibraltar, os representantes das potencias a quem incumbe decidir a respeito da sorte futura do imperio dos sherifes; mais uma vez este canto extremo do continente negro váe talvez dar logar a conflicto memoravel na historia dos povos occidentaes.

Não é de hoje que se avolumam as nuvens da procella que ameaça desabar; antes mesmo que Delcassé caísse já o kaiser envidava esforços para collocar o seu imperio na situação de exercer o papel de *Deus ex machina* da

velha Europa. Si o monarcha allemão conhece a historia (e de nenhum modo isto poderá ser posto em duvida), não lhe deve ter escapado a semelhança da Allemanha de hoje com a França de 1756. Como esta no seculo XVIII, dispõe a Germania moderna de formidavel exercito e de disciplinada esquadra; o seu commercio pujantissimo ameaça destruir competidores que, até bem pouco, se ufanavam de encerrar em suas mãos a vida economica do planeta, e quanto a suas industrias ninguem ignora o modo brilhante por que superou todos os obstaculos que se antepunham ao seu desenvolvimento. Esta prosperidade, no emtanto, apresenta uma sombra: a reacção inevitavel das nações a quem tão prodigiosa expansão economica vem provocar na sua evolução, ameaçando-as por sua vez nas suas fontes de riquezas. Como a monarchia de Luiz XV, como a França de d'Argenson e de Machault, a Allemanha dos Hohenzollerns busca disputar a Albion o sceptro dos mares e ao mesmo tempo restaurar o sonho de Bonaparte: a hegemonia da Europa exercida pelo imperio teutão.

Mas para realizar o facto estrondoso que, si fôr levado avante, concretisaria o sonho do erudito coronel Bernhart, o amigo dedicado de Guilherme II, é de necessidade eliminar o factor principal adverso, o unico elemento que, a conservar-se, poderia por si só reduzir a nada tão grandioso teutamen.

Actualmente invencivel no mar, a Inglaterra mal poderá agir no continente si ahi não dispuzer de aliado cujas forças sejam capazes de enfrentar as hostes germanicas, porque a sua situação no limiar do seculo XX identifica-se com a de 150 annos atraz; cumpre-lhe obter um ponto de apoio no continente: em 1756, a Prussia de Frederico II, em 1906 a França republicana.

E' esta, no nosso modo de entender, a situação do momento: para a Allemanha imperial vencer a Inglaterra importa em eliminar a França e deixar o campo livre para as combinações que forçosamente ha de suscitar o imperio em via de dissolução que se chama Austria-Hungria. Não cuida unicamente a Allemanha, como disse o sr. René Marès da *Indépendance Belge*, de vencer a França para lhe extorquir uma colonia, a Indo-China, por exemplo, além de formidavel indemnisação de guerra; a opinião que partilhamos é que, arruinado para todo sempre o inimigo hereditario, poderá a maior Allemanha dilatar-se do Mar do Norte ao Adriatico e estender-se por todo o organismo europeu assimilando todos os paizes cujos idiomas se pareçam com o allemão, isto é, a Belgica

flamenga, a Hollanda, a Suissa germanica e parte do léste da França além da Austria.

Não váe exaggero nosso em desenvolver taes idéas; não são mais do que o elemento-base das reivindicações dos pan-germanistas, o fundo invariavel de todos os seus escriptos.

Conseguirá o kaiser realizar a tarefa que se impoz? Sómente o futuro nos dirá si a obra encetada é superior ás forças de um imperio feito pela espada e que parece destinado, na phrase de Jesus, a ser destruido pela espada; o que resta, porém, é o campo largo das hypotheses, das probabilidades a respeito de uma crise latente, ameaça terrivel á paz do mundo e trazendo em seu bojo a guerra excrauda.

Este mesmo escriptor, a que já nos referimos, em algumas de suas ponderações deixa entrever que a França de hoje não é a França de 1870. De pleno accordo: descontar de antemão uma victoria quando o adversario é quasi de igual força é collocar-se voluntariamente em posição de inferioridade, e, demais, não deve ignorar a Allemanha os innumerados recursos que revelou possuir a victima da *Débâcle* no anno terrivel, por vezes mesmo disputando o triumpho e sómente perdendo-o porque nada havia organizado, nada havia estabelecido em previsão de uma derrota.

Já o mesmo não succederia hoje: si atacada, a França inteira levantar-se-ia, estamos disto convencido, como um só homem, prompta a sustentar lucta de morte com o invasor do territorio nacional, e tanto é geral este sentimento que os *pacifistas* como d'Estournelles de Constaens e Jaurès ou se calam ou então proclamam, como o fez o grande tribuno socialista, que neste momento cumpre prestigiar e fortalecer o exercito que váe defender a fronteira.

Si é esta a attitude dos socialistas francezes, o mesmo se não poderá dizer dos seus irmãos d'além-Rheno. Não foi um Bebel que exhortou as hostes allemães a defender a patria e sim um conservador, o sr. de Richtofen, que declarou estar o paiz inteiro prompto a seguir o seu imperador. Para os socialistas allemães, uma nova victoria das armas imperiaes importaria na derrota tremenda do seu idéal, no estabelecimento de um absolutismo á Nicolau II. Para o throno existe o perigo interno, o socialismo, e quem sabe si Guilherme II a 35 annos de distancia não quererá imitar o vencido de Sedan. A cartada não deixa de ser arriscada e de resultados duvidosos, principalmente si as tropas francezas conhecerem as alegrias de um novo Iena.

Ha quem diga que o imperador

busca, 100 annos depois da quêda da Prussia, apavorar a Europa com um feito militar sem precedentes, e, dado o seu temperamento de illuminado, talvez cuide seriamente em tal. Oxalá não lhe reserve o fado amarga desillusão.

GASTÃO RUCH.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A molestia do somno—A glossina palpalis—A imprevidencia dos negros—O resultado das investigações de Bruce.

O coronel Bruce, encarregado em 1902, pelo governo inglez, de um inquerito sobre as causas da propagação da molestia do somno, na Africa central, publicou recentemente o resultado das suas investigações, confirmando os factos demasiado conhecidos.

Não resta sombra de duvida, sobre o papel da mosca infecciosa *glossina palpalis*, que suga o virus no sangue do animal, contaminando, e vae picar, a distancia mais ou menos afastada, o homem, tornando-o victima de um terrivel flagello.

Essa mosca absorve o *trypanosoma gambiense*, que fica no estomago do insecto até que expulsado, saia pela tromba, quando esta entra em contacto com alguma parte do corpo humano.

A picada é tão pouco dolorosa que o homem nada sente no momento em que lhe é infligida. Sómente tempos depois, muita vez no fim de dois ou tres annos, quando o protozoario attinge o canal cerebro-espinhal, é que se verificam os phenomenos morbidos. Os vasos sanguineos do cerebro se obstruem privando-lhe de nutricao a substancia. São tambem particularmente affectadas as glandulas lymphaticas do pescoço. As experiencias a esse respeito, feitas em macacos, fôram muitos concludentes.

A molestia do somno reina em toda a região dos brejos, á margem dos rios, ou lagos. A *glossina palpalis* ali encontrada não se afasta mais de cem metros desse meio preferido, mas é tão abundante que no Uganda de 1901 e 1904 mais de cem mil pessôas fôram victimadas pelo mal. Essa propagação terrivel provém de recusarem os indigenas toda a sorte de precauções e não acreditarem nos funestos effeitos dessa ferroadada, os quaes só se manifestam, como se disse, mais tarde annos depois.

Na região de Victoria Nianza, quando os pretos se banham, não fazem caso das *glossina palpalis* que lhes cobrem as pernas.

A molestia é fatal. Com o arsenico, se obteve apenas algum allivio, sem esperanza de cura radical. O verda-

deiro meio, contra elle, seria destruir os matagaes onde as moscas vivem e proliferam: é o que estão fazendo os brancos administradores dessas regiões. Será indispensavel empregar medidas de rigor para obrigar os pretos indigenas a se premunirem contra as moscas e isolar durante annos os individuos de uma localidade infectada ou que fôrem picados; mas isso jamáis se poderá conseguir sem uma severa organização hygienica, á qual resistirá obstinadamente a população de negros desleixados, imprudentes, ignorantes. Por isso a molestia do somno continúa a grassar com medonha intensidade.

**

Os surdos-mudos que não são completamente surdos—A communição do sr. Marage á Academia de Paris.

O sr. Marage demonstrou em uma communição á Academia de Sciencias de Paris, que ha surdos-mudos que não são completamente surdos.

Por meio de um instrumento reproductor das vibrações fundamentaes das vogaes, verificou numa série de experiencias, feitas no laboratorio da Sorbonna, que certos surdos-mudos são muito sensiveis aos sons graves, ao passo que não ouvem as mesmas vogaes emittidas em uma nota aguda, ao contrario do que se dá com os onvidos normaes. Verificou, tambem, o referido professor não poderem jámais os surdos-mudos que não se acham nessas condições desenvolver a sua audição, ao passo que outros, nos quaes se não reprodúz o phenomeno, conseguem, com o auxilio de certos exercicios com a sirene, ouvir muito bem a voz humana.

Essas observações teem particular interesse no sentido de permittirem contestar, em certos pontos, as theorias de Helmholtz.

**

Os fornos electricos—Interessantes experiencias—A distillação dos metaes—A exposição do sr. Moissan.

O sr. Moissan expoz, na Academia de Sciencias de Paris, os curiosos resultados de suas experiencias sobre distillação dos metaes, ouro e suas ligas, por meio do forno electrico. Conseguiu, operando pelo mesmo processo empregado para o cobre, ferver o ouro com extraordinaria facilidade. Em dois ou tres minutos, sob a acção do enorme calor de 3.000° produzido pelo arco electrico, fez passarem 100 a 150 grammas de ouro ao estado de vapor em que, condensado num corpo frio, se torna a encontrar o ouro solido, na fórma filiforme ou em pequenos crystaes cubicos.

Na temperatura de ebulição, o ouro dissolve uma pequena quantidade de carbono que elle carbonifica, consolidando-se, no estado de graphite.

Repetindo as experiencias com as ligas de ouro e de cobre, verifica-se que o ouro mais sensivel, distilla antes do cobre, dando-se o mesmo facto, necessariamente, com as ligas de ouro e estanho. Si se distillar grande quantidade dos vapores de estanho emanado do banho de ouro em fusão, elles ardem ao contacto do oxygeno do ar, produzindo oxydo de estanho colorido de vermelho purpureo pela fina poeira de ouro que se lhe condensa na superficie.

**

A seducção das abelhas pelo colorido das flôres—Controversia—As experiencias do sr. Gastão Bonnier.

Na mesma sessão da Academia o sabio Gastão Bonnier deu conta dos resultados das experiencias sobre a influencia da côr das flôres, como attractivo das abelhas.

Certos auctores pretendiam que a viva coloração das flôres tinha por fim attraír os insectos melliferos, especialmente as abelhas. Outros sustentam, ao contrario, que o colorido nenhuma attracção sensivel exerce e que as abelhas são guiadas para as flôres por um sentido subtil, um pouco analogo ao nosso olfato que lhes iudica as materias assucaradas, onde quer que se achem, nas flôres, nas folhas ou em outros objectos.

O sr. Bonnier demonstra que essas experiencias e observações biologicas são muito delicadas; dependem da organização das abelhas, organização muito complicada, sendo necessario ser apicultor para bem apprehendela. Muitos observadores não a conhecem.

O sabio biologista verificou que, quando as abelhas se dedicam num determinado trabalho, difficilmente se perturbam ou se destruem dessa tarefa: assim, si estão occupadas em colher agua, não farão caso do mel que se lhe offerecer no mesmo sitio em que estiver o liquido procurado, o que não quer dizer que esses interessantes insectos prefiram a agua ao mel. Com essas observações pacientemente coordenadas, o sr. Bonnier explica as contradicções dos auctores de varios trabalhos sobre o assumpto e demonstra de modo intuitivo que as côres, si bem que as abelhas saibam reconhecê-las, nenhuma acção attractiva exercem sobre ellas.

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material novo e moderno, encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.

O ULTIMO artigo de *Tonelero* que publicamos safu no numero 59 dos *Annaes*, encerrando materia tanto mais importante quanto a copia de provas e observações lhe dá um grande interesse.

Foi um máu estado de saúde que impediu o nosso illustre collaborador de continuar a nos remetter os seus primorosos artigos.

O seguinte é um dos mais curiosos; está bem nas cordas do anterior.

ARMADA NACIONAL

A cultura technica dos nossos officiaes superiores posteriormente á revolução de 6 de setembro. — Factos e provas.

Já vimos quanto deixava a desejar o preparo profissional do geral dos officiaes da nossa armada quando o almirante Custodio de Mello assumiu a gestão da pasta da marinha em novembro de 1891. Transcrevemos topicos dos relatorios daquelle saudosissimo chefe, nos quaes se pintava, com realidade e sem escandalo, o gráu do desanimo e a ignorancia a que estava entregue o nosso estado-maior.

A administração do almirante Mello foi curta, e pouco se pôde fazer. A elle succederam ministros, *pelo menos*, ineptos; depois, veio o movimento de setembro de 1893.

Muitos officiaes acompanharam a revolução; outros muitos, pachorrenitamente, aguardaram os mandados de prisão, preferindo, sem duvida, os horrores das masmorras legaes, aos perigos a bordo dos navios que transpunham a barra ou que viviam no centro dum apertado circulo de fogo, na bahia do Rio de Janeiro.

Alguns, poucos, a despeito das estatisticas que fizeram ministros e chefes de estado-maior, mais ou menos desinteressadamente, entusiastas da liberal legalidade de Floriano Peixoto, fôram fieis ao principio de que «militar não se revolta», que haviam esquecido a 15 de novembro de 1889 e a 23 de novembro de 1891. Enfim, é bem verdade que a maioria desses poucos só se lembrou de tal principio, quando a olhos sagazes não escapava que a revolução estava em agonia, a despeito da annunciada adhesão do almirante Saldanha da Gama; e a maioria, faça-se-lhe justiça, foi arrasada pelo perigo que parecia transparecer do manifesto, disfarçadamente monarchico, lançado levianamente por esse chefe preclaro.

Assim, toda officialidade de marinha esteve, durante o tempo da lucta, occupada. Uns, batendo-se em navios velhos, desmantellados em geral, onde nada lhes accrescia o preparo, a não ser a navegação a que eram forçados. Os revolucionarios, depois de vencidos, fôram atirados a um doloroso exilio, e todos, em geral, ficaram pos-

suidos dum desanimo colossal em volver um dia á patria, tal era então a violencia do espirito partidario entre nós. Maior se lhes foi tornando a inaptidão, que os dois annos de reserva, impostos por uma amnistia aleijada em seu favor, aggravaram. Os vencedores, *heróes* de 13 de março e 16 de abril, fôram logo recompensados com promoções, afinal de contas, merecidas.

O pouco tempo que effectivamente durou a campauha e a nenhuma importancia que tiveram as originaes operações da esquadra dita legal, não lhes permittiu colhessem grande resultado em favor do seu preparo.

Os que se abstiveram na lucta, destacados em commissões distantes, revolucionarios de coração quasi todos, como elles proprios se taxavam, tiveram tambem, com mais um galão, o pago de terem recalçado os impulsos daquelle organ e de terem só attendido á voz da cobardia ou do interesse. E, finalmente, os *martyres* da Conceição ou da Correção consumiam seu tempo em lamurias indignas, ou em jogos de parada, que a bondade ou a corrupção dalgum guarda lhes consentia.

Quando cessou finalmente aquelle periodo revolucionario e quando deixaram de se fazer sentir todas as suas consequencias, estava a armada nacional com uma officialidade em geral, na sua grande maioria mesmo, inteiramente ignorante, imprestavel.

Os navios se haviam tornado imprestaveis. Começou a ser mais difficil o ministrar a instrucção. Quando o material fluctuante se foi reparando, as viagens recommençaram deficientes, e a pratica começou a ser dada em navios isolados, durante viagens de pequena duração, abandonada a instrucção em esquadra, unica efficaz, de valor real, na actualidade.

Organizaram-se algumas divisões, é facto. Mas, de todas, a unica em que effectivamente se procuraram fazer exercicios serios e de alguma importancia, foi a commandada pelo almirante Proença, em principio de 97 e que não teve mais de dois mezes de existencia. Ao cabo desse tempo a divisão recolhia-se ao Rio de Janeiro, completamente avariada, resultado devido á incompetencia da maioria dos commandantes e á facilidade do chefe.

As outras divisões que se formaram, depois, não passavam, pôde dizer-se, de expedições de recreio á ilha Grande, e, ás vezes, a portos mais do sul: trinta dias passados fóra do Rio de Janeiro, dos quaes vinte e cinco passavam os navios fundeados entre Angra dos Reis, S. Sebastião e Ilha Grande.

Nessas viagens todas, quer em navios isolados, quer em divisão, fazia-

se, em geral, economia de projectis. Os exercicios de artilharia faziam-se quasi sempre com o navio parado, sobre um alvo fixo, uma ilha, a menos de 1.500 metros e, ás vezes, a menos de 1.000; condições as mais favoraveis possiveis. Cada individuo atirava dois ou tres tiros no maximo, quando todos os que deviam atirar o faziam, e achava-se um tiro excellente o que fôsse attingir a orla da ilha. Esses não eram muitos. Nesses exercicios tomavam parte, quando se dispunham a isso, os aspirantes ou os guardas-marinha embarcados no navio ou na divisão. Os officiaes do navio, propriamente, com raridade atiravam.

A instrucção nautica era feita com igual desleixo. Observavam e calculavam quantos e quando queriam. Instruía-se, praticava quem queria.

E porque mais alto falem os factos de que as considerações que vimos fazendo, e para não mais nos alongarmos, citaremos, agóra, uma lista não completa mas bem numerosa de factos que provam a incompetencia dos nossos officiaes superiores. Mostraremos depois a defficiencia de pratica nos subalternos, entre os quaes, no emtanto, ha tanta aptidão, criminosamente abandonada ao estímulo proprio, entre os quaes muitos são os que desejariam receber instrucção que lhes permittisse dizerem-se consciencientemente officiaes de marinha de guerra.

Eis os factos:

O vapor *Carlos Gomes*, durante a lucta no sertão de Canudos, foi mandado da Bahia a Pernambuco, a fim de ahi receber e transportar ao primeiro desses portos, um batalhão do exercito. Era seu commandante o então capitão de fragata ***, ultimamente promovido ao posto de capitão de mar e guerra, por merecimento, e preterindo alguns collegas. O navio ia da Bahia para Pernambuco, como dissemos; pois bem: o seu commandante só reconheceu ter passado por este porto depois de avistar costas do Rio Grande do Norte!

Esse mesmo official, já capitão de mar e guerra, commandante do *Riachuelo*, recebeu aviso de um dos seus officiaes, de que dois canhões de 57 m/m, Nordenfelt, não podiam funcionar, visto se terem perdido as molas reaes de ambos; essas molas reaes são peças construidas de aço, peças delicadas e exigindo um escrupuloso fabrico. Pois bem: á vista daquelle aviso, o commandante entendeu-se com o mestre da officina de fundição do arsenal de marinha, e dois dias passa-

dos, orgulhosamente apresentava ao seu official duas peças de ferro fundido, sem trabalho de lima, ao menos, e apenas semelhantes ao modelo que lhe mostrara o official ao fazer-lhe a communicacão do extravio das mólas, mas com dimensões muito exaggeradas. Os canhões agora podiam funcionar — affirmava o commandante.

Fundando o *Riachuelo* em Santos, em condições normaes, esse mesmo commandante mandou arriar a ancora quando o seu navio seguia avante, e assim ainda o conservou algum tempo, — erro crasso apreciavel por qualquer passageiro de paquete, que, uma vez, já tenha visto lançar a ancora ao fundo.

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

AMOR ALEGRE

Deixemo-nos de nenias — enterremos

As antigas paixões!

É d'ar puro e de luz que nós vivemos...

E nossos corações,

De luminoso amor, d'amor contente,
Disso querem viver eternamente!

Viver de flôres, como insecto alado...

E, como ave, de cantos!

Viver de beijos, de prazer sagrado...

Sim, de prazeres santos,

Como homem que embala noite e dia
O fecundo regaço da alegria!

Serena fonte, que nos banha a vida

Em dulcissimas aguas:

E, através da existencia dolorida,

Nos lava as velhas maguas...

A alma parece nova: e limpa e bella,
Brilha em face de Deus, como uma estrella!

Brilha em face do mundo! Resplandece

Como lucida aurora!

É o sol da ventura, que alvorece!

Valle e monte colora

Co'as mil côres do iris da bonança...

E as mil do iris d'alma — a esperança!

Amor que espera e cre... amor ditoso...

Quer Deus que se ame assim!

Dormir no mundo o somno mavioso

De prazeres sem fim...

Passar como em triumpho, em mago enleio,

Mãos unidas e seio contra seio...

Põe teus olhos nos meus, para que eu veja

Luz melhor que a do ceu...

O que dentro em teu peito rumoreja

Tudo, é tudo meu:

Meus são teus ais e minha essa harmonia

A que chamas amor e eu poesia.

Poesias não são lagrimas... são beijos...

E abraços tambem...

Paixões não são suspiros... são desejos...

Quantos a vida tem!

Compõe com tuas mãos minha poesia
De paixões e de beijos e alegria.

Vem commigo na vida! Hei de levar-te

Por caminho de flôres...

Cantará para ti, por toda a parte,

Um viveiro d'amores...

Eu sei o que é amor! estes conselhos

Amor t'os dá — deixa fallar os velhos!

Deixa, deixa-os dizer os *velhos sabios*,

Que só sabem chorar!

Mulher bella, se Deus te pôz nos labios

Botão de flôr sem par,

Flôr de luz e ventura... é porque o riso

A abra e transforme em flôr do paraíso!

ANTHERO DE QUENTAL.

*
* *

BATALHA DA ALFARROBEIRA

Junto do ribeiro de Alfarrobeira estava o arraial do infante, cercado já pelas tropas reaes que, decididas a não assaltar, queriam vencer com o medo das trombetas, concitando os echos dos montes, e dos arautos e reis de armas que soltavam os mais espantosos prégões, a intimar aos sequazes do infante o abandono do rebelde. Succedia, porém, o contrario: as deserções davam-se do campo real para o de d. Pedro.

Nesta indecisão, uns bésteiros do rei metteram-se á agua, encobertos com as arvores, e de lá jogavam tiros sobre o arraial. Já havia feridos e mortos. Por outro lado, dum cabeço proximo, tambem atiravam. D. Pedro mandou então pôr fogo a umas bombardas que trazia encarretadas, apontando ao cabeço; mas a impericia dos artilheiros atirou uma bomba junto da tenda de Affonso V. Perante um agravo destes, rompeu o assalto espontaneamente. A peonagem que restava ao infante debandou logo; e d. Pedro apeou-se, vendo chegar o momento por que a vontade suspirava, e contra que o instincto se lhe rebelára tanto. Estava levemente armado: uma cota, sobre ella uma jornea de velludo carmezim, e na cabeça a cervilheira.

Alto, magro, branco, movendo-se espectralmente, combatia a pé no meio do tumulto. De perto, os filhos fitavam-no com o espanto interrogador das creanças. Quando uma setta perdida, ou mandada, lhe varou o coração. Caíu morto com esta só ferida; morreu com a consolação de não presenciar outras mortes; e o bispo de Coimbra, vendo-o por terra, curvou-se, ajoellou e, no meio da vozeria do combate, absolveu-o, recolhendo-lhe o ultimo suspiro. A historia absolve-o tambem.

A cavallo, o conde de Abranches combatia, clamando, matando. O seu humorismo tornára-se em furia.

— Senhor conde, que fazeis? que o infante d. Pedro é morto! gritou-lhe um moço.

— Cala-te, rugiu o conde, e aqui o não digas a ninguém!

Esporeou o cavallo, foi á sua tenda, pediu que lhe déssem pão e vinho, vestiu as melhores armaz, e saíu a pé pelo arraial, já de todos os lados entrado. Reconhecendo-o, caíram em chusma sobre elle, que com a lanca, e, depois de partida, com a espada, lavado em sangue, combatendo em volta, sem consentir que lhe tocassem enquanto esteve de pé, matava furiosamente. Vendo-se cançado, murmurou:

— O' corpo, já sinto que não podes mais, e tu, minha alma, já tardas...

E deixou-se cair por terra, a gritar como um trovão:

— Fartar, rapazes! Vingar, villanagem!

Num instante foi crivado de golpes. Despedaçaram-no, deixando-lhe o tronco em retalhos espalhados pelo chão. A cabeça, decepada, levou-a um seu velho amigo ao rei, pedindo por ella accrescentamento. Era tempo de começar o regabofe.

Tres dias ficou insepulto o cadaver de d. Pedro, apodrecendo com outros numa choupana, donde o levaram, por fim, numa escada por esquite, á igreja de Alverca.

OLIVEIRA MARTINS.

Abrimos espaço a um *bilhete postal* em que o sr. Adoasto de Godoy, com fina e calma ironia, commenta a derrota do sr. Domingos Olympio, e, porque este não concorre á cadeira vaga na Academia Brasileira, levanta a candidatura de um certo poeta de Cantagallo...

O sr. Godoy, collaborador da *Renascença*, revista do secretario da Academia, teve a amabilidade de nos enviar essas linhas como «homenagem de um moço ao mais *novo* dos nossos velhos escriptores».

BILHETE POSTAL

A Domingos Olympio

Si os nossos academicos tivessem invocado o Espirito Santo na ultima eleição a que se procedeu naquella casa, para preencher a cadeira «Joaquim Serra», vaga pela morte de José do Patrocínio, o resultado não teria sido, talvez, tão inesperado — nem tão interessante.

Essa invocação seria muito natural, porquanto ao lugar vago concorria tambem o reverendissimo padre José Severiano de Rezende, e, assim, a Terceira Pessoa da Santissima Trindade não hesitaria em abandonar por

momentos o seu logar, a cabeça de Deus Padre Todo Poderoso (segundo rezam as oleographias beatas) para— ou sob a fórma visível de linguas de fogo, como outr'ora na Judéa, no cenaculo dos Apostolos, ou subtil e invisível como actualmente nos conchaves do Vaticano—penetrar na consciencia de cada *Immortal*, para o fazer ver melhor a Justiça. E si assim fôsse, a victoria de v. ex. seria quasi certa—quasi porque o Espirito Santo (tambem sujeito, penso eu, ás influencias do seculo) poderia *cabalar* em favor do reverendissimo Rezende, filho dilecto da Igreja, esposa de Jesus.

Em todo o caso, as esperanças de v. ex. seriam bem maiores do que descedendo sobre a Academia esse outro Espirito não invocado, que a obrigou a eleger o pequeno Mario de Alencar — o finissimo e inspirado poeta da *Ode* ao barão do Rio Branco — para occupar a cadeira em que se sentou (aliás nem chegou a se sentar, porque nessa epocha a Academia não tinha moveis!) esse extraordinario jornalista que foi José do Patrocínio... E que, por uma abominavel ironia, deu ao padre Severiano o voto unico do sr. Affonso Celso—porque o sr. Laet não vota nem na Republica, nem na Academia.

E' precisamente onde eu achto o *interessante* da ultima eleição.

Ha um homem que ha longos annos se dedica especialmente ao jornalismo. Combate o bom combate, lucha por todas as causas que lhe parecem justas e dignas. Os seus cabellos vão aos poucos embranquecendo, os vincos da velhice começam-lhe a sulcar as faces. Quando todos os seus companheiros — os que não tombaram na refréga—procuram o descanso na vida privada, cuidando melhor dos interesses da familia, elle, o velho luctador, lá está com o seu espirito sempre vivido, sempre atilado, cada vez mais ardente, mergulhado na lucha. Nos rapidos momentos de folga, escreve um livro original—*Luzia-Homem*—um pedaço da vida de sua terra, terra tão digna de melhor sorte. Não tem os exaggeros da fórma á Flaubert, mas os seus scenarios, os seus typos são perfectos, são admiraveis de realidade. E esse predicado, numa terra de poetas futeis, que vivem a declamar, em

sonetos desconjunctados, as bellezas, as perfeições de suas amadas — tola-mente parece-me — não deveria ser desprezado pelos esthetas da Academia.

Veamos, agóra, o contraste deste outro quadro, onde não ha luctas violentas, onde não ha cabellos brancos, nem sulcos causados pelas desillusões e pelos desgostos. E' um quadro encantador, todo de calma, banhado de uma suavissima luz de felicidade perfeita. Um moço começa com firmeza e talento a compor os seus versos e as suas ódes, bem alimentado, bem installado na vida e, ainda mais, perfectamente abrigado á sombra de uma grande arvore, que é o nome do seu pae — formidavel na litteratura brasileira.

Vaga na Academia de Lettras uma cadeira, cujo patrono é o nome de um jornalista, e occupada até então por um outro jornalista. Concorrem a ella ambos — o velho encanecido na lide, e em pleno, em fulgurante vigor de espirito, e o moço que começa apenas a se preparar para ella, com a segurança de uma bella intelligencia. O logar é uma consagração de serviços prestados á Arte, ás Lettras e, com especialidade neste caso, ao jornalismo. Quem com justiça, poderia ser eleito?

— O poeta das ódes!

Eu não quero, com este bilhete postal, consolar a v. ex. Não ha e nem nunca houve, em todo este caso, motivos para lagrimas. Antes, sempre os houve para um riso franco e alegre. E, todavia, eu confesso ingenuamente, que nesse meu riso descommedido, está a razão de só agóra apparecer este bilhete, quando tanto tempo já correu após a eleição. Receiava que os poetas da Academia, invocando os raios de Jupiter, me fulminassem e que para sempre as portas daquella casa verde fôsem cerradas a um homem que recebe e lê bilhetes irreverentes.

Mas, v. ex., como se diz no numero 65 dos *Annaes*, não se apresenta para a vaga de Pedro Rabello. Pouco importa, pois, o castigo dos Deuses. A luz que das fontes dos Immortaes irradia sobre esta terra — com um resplendor cada vez mais forte — não respeita as portas, nem as paredes. Atravessa-as, para vir beneficiar cá

fóra — como a do Sol — indistinctamente, a todos nós, pobre mortaes.

Quanto a mim, é o venerando presidente daquella corporação que, com uma imagem perfeita, me garante a impunidade. Posso blasphemar, rir a meu gosto. Posso até levantar, para a vaga do *Immortal* morto, a candidatura daquelle vate de Cantagallo, que o sr. Olavo Bilac citou na sua conferencia sobre a *Tristeza dos poetas brasileiros* — uma vez que não concorre a ella o sr. conselheiro Accacio, por ser portuguez.—*Os Immortaes estão assás alto — como o Cruzeiro do Sul — para não discernirem os risos e as lagrimas dos homens.*

ADOASTO DE GODOY.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

VIII

A Constituinte, em pleno exercicio de suas funcções legislativas, continuava a excitar e attraír a curiosidade e a attenção publica.

O edificio, onde trabalhava, todos os dias, desde as 9 horas da manhã, era cercado por multidão popular, que prodigalizava demonstrações de vivo interesse e entranhada confiança nos representantes das provincias, os quaes, ufanos de tanta estima, comprehendiam a gravidade da elevada missão que o povo brasileiro lhes havia confiado.

Cada deputado tinha o proposito firme de desempenhar-se conscienciosamente de seus deveres.

O povo e a camara nutriam-se dum só sentimento, isto é, de tratar de realisar a liberdade civil e politica e de promover o felicidade geral e a prosperidade do Brazil.

Entre e nação e os delegados de sua soberania, effectiva e visivelmente, estreitava-se o laço de intima união, que avigora a força, confirma a autoridade, incrementa o prestigio da verdadeira representação popular.

Nada faltava, pois, á Constituinte; contava com a estima e confiança geral, estava em condições de emprender uteis ou grandes commettimentos. Terá ella a capacidade de executal-os?

Podemos, por ora, apreciar os seus projectos de leis, as inspirações politicas, o criterio na direcção dos negocios, enfim apurar o tecido de actos, que são os elementos que constituem propriamente o material de sua historia.

No segunda sessão ordinaria, após a installação solemne do dia 3 de maio, a Assembléa começou a exhibir actividade intellectual, com que presumia ser dotada, e as idéas que lhe enricavam o espirito.

Compareceram 51 deputados dos cem que a compunham, não tendo ainda havido eleições em algumas provincias, como a Bahia — atarefada em pelear com o forte e numeroso exercito luzitano, commandado pelo bravo general Madeira; no Pará, que não havia se pronunciado; na Cisplatina, occupada por forças inimigas.

Surprehende a todos que conhecem os movimentos revolucionarios precursores da Independencia, o não ver figurando na Constituinte José Clemente Pereira — aquelle juiz presidente do Senado da Camara; aquelle mesmo, que, á frente do povo (portuguezes e brasileiros) foi solicitar do principe regente — que desobedecesse o decreto das Côrtes de Lisbôa, e não se ausentasse do Brazil. Tal solicitação é um dos pontos capitaes de todo esse drama. Foi por ella que o Principe, até então hesitando, ligou-se á causa brasileira e proferiu o memoravel — *Fico* —.

Porque a exclusão do esforçado líder? Alguem, nesse entrementes, havia feito mais assignalado serviço? Como portuguezes, que, em grande maioria, adheriram e labutaram pela dita causa, não lhe suffragaram o nome? Como brasileiros, que o encontraram amigo dedicado nas incertezas dos perigos, não o elegeram? Donde procede o esquecimento? Quem mais digno, do que elle para defender a causa, pela qual se sacrificára? E' difficil verificar e esclarecer esse successo.

Um distincto escriptor brasileiro o considera patriarcha da Independencia; colloca-o em segundo logar após d. Pedro, que sem duvida foi o primeiro. (1)

Essa opinião contém grande somma de justiça, porquanto, antes de d. Pedro pronunciar — *Fico* —, José Clemente, com o povo, o foi acoroçoar a tomar a si a causa nacional, facto de summo e decisivo alcance.

Não se póde attribuir a exclusão do nome de José Clemente da Constituinte á sua naturalidade portugueza; — outros portuguezes, que não tinham os seus serviços, fôram eleitos. O partido dos independentes compunha-se de brasileiros e de portuguezes — estes não o deveriam esquecer, si aquelles o desprezassem. Qualquer que tenha sido o motivo, é certo que não foi eleito representante da nação, em cuja independencia acabava de collaborar efficaç e proveitosamente e, como era natural, seria sincero e dedicado pro-

pugnador do bem publico, a que consagrara os esforços de sua vontade e intelligencia.

Reunida a Constituinte, em segunda sessão ordinaria, no dia 6 de maio apresentava, aos olhos curiosos dos artistas, dos poetas e dos amadores da plastica, um espectáculo azado a produzir nos espiritos certas emoções. Notar, discriminar, comparar os diversos typos dos provincianos não deixava de ser gaudio para gente da côrte, habituada a viver mais em contacto com os estrangeiros. Os proprios representantes, muitos dos ques nunca transpuzeram os limites do municipio onde nasceram, sentiram-se surprezos, contemplando, no mesmo meio, tantas pessoas, oriundas de longinquas regiões do paiz. Nessa temporada o mandato de deputado não era um emprego publico lucroso pelo abuso das prorrogações, nem era monopolizado por uma só classe; por exemplo: dos bachareis, dos medicos, dos engenheiras, ou militares. Apareceram nesse ajuntamento diversas classes.

Via-se no recinto um bispo capellão mór; notava-se aqui monsenhor Moniz Tavares acompanhado de sacerdotes pernambucanos; lobrigava-se acolá o padre Alencar, hombreando com presbyteros, que formavam, quasi todos, a deputação do Ceará. Era rara a deputação, cuja maioria não fôsse de padres. Parece que só a Bahia não os elegeu, porque tinha onde escolher. Provinha do fervor e do prestigio do culto? E', ao contrario, um phenomeno social da hereditariedade nacional, que comprova a carencia da instrucção nas outras camadas do povo brasileiro. A metropole considerava a disseminação da instrucção um mal, ou um perigo; por consequencia, conservava a colonia brasileira apodrecendo nas trevas da ignorancia; assim quando raiou o arrebol da liberdade, quando a Independencia congregou o primeiro parlamento, não podia deixar de eleger os padres, que, em geral, eram os homens mais cultos e illustrados da ex-colonia — porque desta classe não se arreceiava o regimen do governo absoluto. Não que o sacerdocio amasse o despotismo, mas, abediente ao Evangelho, repetia: *Omnis potestas á Deo. Per me rege, regnant.* Acreditava — *scientia et clamant conscientia* — na doutrina do direito divino prégada pelo apostolo das gentes e preconizada pelo bispo de Meaux — o ultimo grande padre da Egreja.

Os governos absolutos, por toda a parte, sempre procuram alliar-se com os ministros do altar; contam com a tolerancia do christianismo fundado sobre o amor, a caridade, o perdão, a humildade e resignação: eis ahi porque os padres na colonia brasileira puderam conseguir um pouco de instru-

ção, que se recuzava e dificultava ás outras classes.

Elegeu-se a meza, que devia dirigir os trabalhos do Congresso Legislativo. No primeiro escrutinio, obtiveram: o bispo capellão mór, 14 votos; José Bonifacio, 9; no segundo, o bispo 27 e José Bonifacio 24. Fôram eleitos secretarios José Joaquim Carneiro de Campos e Manoel José de Souza França; fôram tambem os vice-presidentes.

Concluido o expediente, travou-se ligeiro debate sobre a questão de decidir-se — si deveria ser, ou não, admittido no recinto o Senado da Camara municipal, que viéra fazer saudações e tributar homenagem. Variaram as opiniões. Antonio Carlos — *maestro e ducca* — decidiu dogmaticamente contra a opinião de Pereira da Cunha, dizendo — «nesta sala só é admittido o monarcha e mais ninguem; todas as mais auctoridades, seja qual fôr a sua classe, ficam fóra» — O Senado da Camara não foi admittido; receberam e despacharam-no os secretarios. (2)

Em seguida, o padre Alencar pede apresentar uma moção sobre assumpto importante, que concerne á Camara e ao paiz. E' logo interrompido por Antonio Carlos, ponderando ao presidente — que a primeira coisa de que se deve tratar é do voto de graças, o qual deve preferir a tudo. Então declara que não vinha preparado para apresentar o voto de graças; todavia, remette á meza uma especie de apontamentos para servir de norma á redacção do voto de graças. O presidente, a quasi totalidade dos deputados, todos eram noviços e inexperientes nos trabalhos dos corpos legislativo: o proprio Antonio Carlos, a despeito das insolencias de suas pretenções ao chefado e da contínua impertinencia de impôr a sua competencia, acabava de mostrar que não estava bem informado do modo pelo qual, no parlamento inglez, que elle citava a proposito ou fóra de proposito, se tratava e se discutia o discurso da corôa.

Não convindo interromper a marcha dos trabalhos, reservamos estas questões do voto de graças para outra conjuntura, que facilite verificar que a Constituinte ignorava as praticas do regimen que pretendia adoptar. Mas tal é a desordem e confusão de idéas que, apesar da decisão de Antonio Carlos sobre não se dever discutir a fala do throno, se suscita de novo a conveniencia ou inconveniencia de dal-a para ordem do dia.

Ainda mais uma vez, Antonio Carlos pondera que só, indirectamente, por occasião do voto de graças, é dado tocar na materia, porque a responsabilidade não attinge a corôa, que é inviolavel, cabe especialmente ao ministerio. Eis ahi outro principio do regi-

men, cuja semente foi lançada no sulco da Constituinte e abrolhará nas praticas parlamentares do segundo reinado, quando o systema, em completa maturidade, fôr geral e habilmente executado. Na Camara de 1823, bem raros entendiam dessas coisas, de que a nação rude, ignorante, saída apenas das trevas do regimen colonial, jámais cogitára. A Constituinte é a primeira escola, onde os homens politicos aprenderam as noções do governo constitucional e o manejo do systema deliberativo das assembléas representativas. A cada passo, a Constituinte prova e evidencia a sua profunda inexperiencia e, ás vezes, crassa ignorancia. A marcha que segue é a menos propria. Falta-lhe o methodo na discussão; não obedece a uma ordem racional. A confusão, a desordem, a deficiencia da economia de tempo, quer na distribuição dos trabalhos, quer na discussão, a todo momento patenteiam que os deputados são escolares noviços, guiados por Antonio Carlos, o qual do congresso de Lisbôa, onde representou o reino do Brazil, adquiriu e trouxe alguma experiencia. Releva, porém, notar — que, mesmo em Lisbôa, o systema era novo e nunca praticado. Os parlamentares lisbonenses não tinham na materia nem a sciencia, nem a experiencia dos membros da *camara dos communs*, onde o systema passára por evoluções seculares, aperfeiçoando-se continuamente (3). Em França, as camaras da Restauração e da monarchia de julho comprehendiam perfeitamente e envidavam esforços em executar o meneio dos apparatus governamentais do regimen representativo (4).

Os apontamentos de Antonio Carlos,—para servirem de modelo ao voto de graças,—deram azo a alguns ligeiros debates, resolvendo-se que tivessem segunda leitura.

A questão do voto de graças, assim adiada até outra sessão, abria espaço para iniciar-se nova discussão, que não faltaria, porque a maioria dos representantes sentia excessivo prurido de falar. Estes representantes mal ajuizavam que os debates dum parlamento exigem certa ordem de conhecimentos e de aptidões que absolutamente elles não possuíam; em alguns, havia o germen, que, mais tarde, ha de desenvolver-se com o estudo, a meditação e a experiencia.

Surgiu, então, na tribuna o padre Alencar, deputado pelo Ceará, e falou da prisão do deputado Pedro José da Costa Barros, também representante da mesma provincia, obtendo votação quasi unanime.

O padre Alencar, querendo explicar o encarceramento do collega, exprime-se desta sorte: «O caso do sr. depu-

tado Costa Barros cuida ser bem conhecido de todos os senhores e por isso não será preciso fazer delle muito circumstanciada narrativa. Appareceram em 30 de outubro do anno passado, no Rio de Janeiro, algumas perturbações; procede-se depois a uma devassa, e uma unica testemunha refere que sendo chamada a uma sociedade, onde o reprehenderam e ameaçaram, ali se achava o sr. deputado Costa Barros. Esta testemunha é chamada perante o juiz, é acareada e convencida de falsidade; comtudo, o sr. deputado foi preso e ha tres mezes soffre os incommodos da prisão sem ao menos saber qual é o crime que se lhe imputa. Não é minha intenção accuzar a ninguem; desejo unicamente, defendendo a innocencia dum cidadão benemerito, que tem merecido a confiança de sua patria, reclamar pela soltura do deputado cearense.»

Eis uma denuncia formal contra o systema de devassa, que José Bonifacio, ministro do Imperio, por portaria, praticava á maneira despotica do marquez do Pombal.

O padre Alencar não quer *accuzar alguém*; fica, porém, entreluzente a pessoa do ministro *muito afeiçoado ao arbitrio* e pela referencia ao Governo: ora, o Governo era José Bonifacio, violador das liberdades civil e politica.

Alencar concluiu, mandando á meza a seguinte proposta: «1º, que se diga ao Governo que si é só por precaução de segurança publica que se acha preso Pedro José da Costa Barros; como nenhum iudicio de perturbador appareça contra elle, succedendo estar eleito deputado pela provincia do Ceará, seja immediatamente posto em liberdade para poder vir tomar o seu competente assento nesta augusta Assembléa, etc., etc.»

José Bonifacio immediatamente pediu a palavra. Alencar, porém, observou que não era permittido falar sem saber si a proposta passava, ou não. De seu lado, Antonio Carlos lembrou que não se podia tratar de proposta alguma antes do voto de graças (5).

Nesta mesma sessão, Pereira da Cunha, deputado bahiano, discorreu sobre a urgencia de estabelecer as regras adequadas para reger nossas acções de maneira tal que se obtenha o desejado fim. O orador pondera que: «separados nós da monarchia, a que pertenciamos, nos ficou, diz elle, com os costumes e com a linguagem, a mesma legislação; egual sorte aconteceu a Portugal quando se desmembrou da Hespanha no seculo XI. Escuzo repetir a historia da nossa legislação, porque é assás conhecida por illustres collegas: basta para meu intento trazer á memoria quanto, em tempos menos esclarecidos, fôram so-

licitos nossos maiores em formarem codigos systematicos, que regulassem os negocios da vida social. Dentro de seculo e meio se organisaram tres codigos na monarchia portugueza: 1º, o Affonsino; 2º, o Manoelino; 3º, o Filipino, publicado em 1603, sem contemplarmos a collecção de Duarte Nunes de Leão, mediando entre uns e outros apenas o espaço de 80 annos; e sendo passados mais de dois seculos, apezar das diligencias do governo, ainda se não pôde compilar um novo codigo, passando pelo *opprobrio* de nos regularmos pelas ordenações filippinas, que, sobre serem dadas por um principe estrangeiro, são summamente diminutas e defeituosas, cheias de crassos erros, pela ignorancia dos principios de direito publico universal e ecclesiastico que naquelle tempo prevalecia, etc.»

O orador concluiu, apresentando uma indicação, ou projecto, para regular a applicação da legislação portugueza ao novo Imperio.

Pereira da Cunha, si ressurgisse do meio da solidão da campa, veria que, desde a Independencia até hoje o paiz tem *passado pelo opprobrio* de reger-se por uma legislação defeituosa, cheia de erros pela crassa ignorancia dos principios do direito universal!... Antes mil vezes nos tivessem dado o codigo civil com os seus defeitos; a practica, a experiencia, a sabedoria dos tribunaes e juristas, sem duvida, corrigiriam os erros e lacunas e aperfeiçoariam gradualmente. Mas porque não promulgam o codigo civil, que motivou uma convocação extraordinaria do Parlamento, e grandes despesas que são tiradas do imposto, que é um dos terriveis flagellos do povo brasileiro? ..

O deputado Maia discorre sobre a necessidade dum manifesto á nação e, seguindo o exemplo dado *magistralmente* por Antonio Carlos, offerece á meza uns apontamentos para servir de bases á proclamação.

Estas frivolezas occupavam a actividade da Constituinte; nem ella poderia crear assumptos, ou materia de verdadeiro interesse publico, porque a maioria não tinha idéas e não comprehendia as necessidades cuja satisfação o paiz, illudindo-se, esperava que a Camara daria. Os raros deputados capazes e illustrados fôram, como Pereira da Cunha e Alencar, tratando de assumptos de interesse geral e de importancia para cada cidadão brasileiro, que tinha a simploriedade de crer que a revolução da Independencia havia regenerado o povo, libertando-o cabalmente das praticas prepotentes e das cruezas do absolutismo.

Sob esta bôa inspiração, ergueu-se, da bancada do Rio Grande do Sul, o

deputado Martins Bastos, e proferiu algumas palavras, justificando a proposta que submete á consideração da casa. O representante vê alguns cidadãos desvairados commetter erros de opinião, achando-se a mór parte soffrendo os horrores do carcere e das prisões (como que assim exigia a segurança do Imperio); outros cidadãos fugitivos e expatriados — assim esta augusta Assembléa entrando em suas altas funcções seguirá, sem duvida, uma vereda que a prudencia requer e a generosidade recommenda — concedendo uma amnistia geral a todos os que se acharem nas circumstancias de precisarem. O orador, desejando a calma dos partidos e do fervor das paixões, apresenta um projecto que pede seja submettido á deliberação da Assembléa.

Martins Bastos pintava do vivo o estado de miserias, de perseguições, a que as devassas do ministerio da Independencia reduziram o paiz. Ora isto se dava quando todos vozeavam independencia, liberdades, dignidade do cidadão, virtudes, patriotismo, abnegação... Era ministro José Bonifacio!

Depois de Martins Bastos, assomou na tribuna Antonio Carlos, que, desta vez, desempenha o papel de *leader* — lendo e expondo á Camara um projecto para organização administrativa das differentes provincias. Esse tentamen é de conveniencia para a bôa gestão do Estado e a idéa é uma das melhores que entreluziam no meio das futilidades que continuaram a apparecer.

Antonio Carlos pensa que o seu projecto é uma das providencias, de que precisa o Brazil para curar os seus males. O orador confessa que esta organização é uma obra quasi impossivel de fazer pela falta absoluta de conhecimentos estatísticos de cada uma provincia, proporá o que lhe parecer mais conveniente; julga tanto mais urgente, quanto cada dia são maiores os vexames dos povos, causados por esses chamados governos. Antonio Carlos parece esquecer-se de que, havia 18 mezes, o paiz era governado e dirigido pelo ministro do Imperio José Bonifacio (segundo a theoria) o responsavel de todos os vexames e males que soffriam os povos — *causados por esses chamados governos*. Esses governos, porém, eram nomeados, dirigidos e sustentados por seu irmão, o ministro José Bonifacio.

Antonio Carlos, com taes palavras, vem confirmar a dolorosa pintura que Martins Bastos expuzera aos olhos da Constituinte. Por toda parte, reproduzem-se factos que provam ter sido o ministerio uma devassa permanente, implacavel!

Os contemporaneos da Independencia não sabiam analyzar os erros e males administrativos por muitas razões; hoje, a opposição aperfeição esta analyse. Si outr'óra se tivessem podido analyticamente apurar os actos administrativos e politicos, o ministerio do venerando patriarcha negrejaria aos olhos da historia, como coisa por demais absurda, ou inepta. A historia, comtudo, na inesperada e incompleta revelação de Antonio Carlos, acha materia para fazer uma série de indagações e estudos, pondo de parte as louvaminhas dos admiradores inconscientes.

Antonio Carlos termina a sua oração informando ao paiz e á Camara um facto perigoso. O orador paulista diz: «egualmente merece attenção da Assembléa, pela sua importancia a materia, que vou expôr-lhe. Por noticias, que me fôram communicadas tanto de Portugal, como da Inglaterra, consta-me que o governo portuguez, reconhecendo não poder conquistar-nos, pretende, na sua desesperação, dilacerar-nos por meio da discordia; que, para esse fim, tem enviado emissarios para, de accôrdo com alguns agentes seus, que vivem entre nós, eusanguentar nossas praias, si poderem, aproveitando-se do nosso desleixo para estes iniquos fins; julgo que a Assembléa tomará em consideração as duas seguintes propostas.»

Eis uma rapida amostra do tom oratorio do velho athleta, que se bateu em quasi todas as arenas parlamentares — no Congresso de Lisbôa; na Constituinte de 1823; nas Camaras do tempo da regencia, depois do 7 de abril; nas Assembléas do segundo reinado, que elle, pela revolução parlamentar de 1840, fez e terminou a sua patriótica e agitada carreira numa curul senatorial em 1845.

Falaremos no seguinte estudo das propostas de Alencar, da amnistia de Martins Bastos e dos *iniquos fins* denunciados na calorosa phrase de Antonio Carlos. Todas se prendem ás portarias do ministro de Pedro I, imitando as praticas do absolutismo do truculento estadista de d. José I.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Conselheiro desembargador Tristão d'Alencar Araripe, *Conferencia sobre os patriarchas da Independencia*.

(2) *Diario da Camara* vol. 1.º — sessão de 6 de maio.

(3) May, *Hist. Const.*; S. Maine; Lord Mahon, *History of Eng.*, vol. 1.º — Gurdon, *History of part.*; Pary, Paris; Macanlay, *Hist. of Eng.*; Bageot, *Eng. Const.*; Macqucen *Chambre des Lords*; Stubbs, *Const. Hist.*

(4) Liadières — *Dixhuit au part.*; Duvergier d'Hauranne, *Hist. du Gov.*; Elias Reignault, *Huitans de règne*; Gnisot, *Mem.*; Comte de Vieil—Castel *Hist. de La Restaur.*; Broglie *Etude sur Armand Carrel*; C. de Remusat, *P. Lib.*; Capefigne, *Les minist.*

Histoire de la Rest. B. de Barante, *Vie de Royer-Collard*.

(5) *Diario da Camara* vol. 1 — sessão de 5 de maio.

O ALMIRANTE (66)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXII

— Eu — disse resolutamente Hortencia, avançando para o medico—Eu velarei por elle; é o meu dever.

—Nada tenho que objectar—observou o moço cirurgião, com accento ligeiramente gaulez — E' um bello enfermeiro: resta saber si resistirá á penosa funcção de que váe ser incumbida.

—Confie em mim, doutor; eu terei coragem, terei energia, serei capaz dos maiores sacrificios para salvar a vida de Oscar.

—Vejo um toque romantico nas suas palavras — replicou o medico — mas o caso não é para tanto: não ha por ora vida em perigo; trata-se, apenas, de prevenil-o. E para isso é essencial que a senhora deixe o coração lá fóra, não se commova, defronte serenamente a situação e me obedeça sem restricções.

—Póde contar commigo.

—Muito bem. Voltarei mais tarde, á noite talvez. E' preciso que o doente repouze. Ficam absolutamente prohibidas as visitas, a entrada de quem quer que seja neste aposento; ninguém. Está ouvindo?

Entraram os dois na magnifica sala da bibliotheca, a mais ampla do *chatô* e a menos atravancada com objectos d'arte tapeçarias, cortinas, mui sobriamente adornada como convinha a um refugio do pensamento. O medico fitou em Hortencia olhos em que rebrilhava um sereno fulgor de energia e dictou-lhe, em vóz baixa, recommendações, indicando os frascos rotulados, dispostos sobre uma pequena meza de jacarandá. A' proporção que elle falava, o semblante da moça se tornava livido e os olhos se lhe esmaltaram de lagrimas contidas por um supremo esforço da vontade. E a magnifica cabeça lhe oscillava num gesto affirmativo, a cada observação do doutor.

Na sala immediata, onde as paredes desappareciam sob quadros e panoplias de armas exoticas, cujas scintillações crúas, cortantes, tanto tinham impressionado a marqueza naquella sinistra noite do levante militar, continuava ella na dolorosa attitude de anciedade, estremecendo ao mais ligeiro rumor, contraíndo toda a sua

alma ao presentimento de uma catastrophe imminente. A espaços, apertava com as mãos algidas as mãos de Marianinha, levava-as ao seio, conchegava-as para lhe comprimirem o coração, que latejava como um coração de passaro captivo, como si pretendesse aquecel-o, transmittir-lhe o venturoso vigor da amiga.

— Não se assuste, comadre—recomendou-lhe Marianinha, com a voz repassada de meiguice — Oscar amanececerá melhor; está repouzando tranquillo como uma creança. O medico affirmou que não havia perigo immediato.

A marqueza nada objectava. Percebia-se no seu semblante apavorado um vão esforço para acreditar, para se illudir, para attenuar o sobresalto do seu cerebro dominado pela impressão indelevel da scena do desastre.

— Então doutor?—perguntou Marianinha ao medico, que se despedia.

— O doente está calmo—respondeu elle. E, voltando-se carinhosamente para a marqueza, accrescentou: Não se affija. Elle acaba de dirigir palavras affectuosas á sua bella enfermeira e pediu informações da sua saúde, minha senhora. Não se acabrunhe, reaja com energia.

Amelia ouvira as palavras de consolação do medico e desceu com elle até ao pequeno terraço da entrada, sombreado pela ramagem de madreilvas entrecidas nas columnas donde pendiam em festões de jasmims, alliaudo emanações suaves ao forte perfume das orchidéas sensuaes, das rosas, dos bogarys, que embalsamavam os arredores do *chatô*. Ella não dirigiu ao medico uma pergunta; apertou-lhe a mão com firmeza e, tanto que elle desapareceu sob as ogivas do bambual, desceu para o parque e foi caminhando serenamente, a esmo, pelas sombrias alamedas, procurando o refugio da solidão, onde se libertasse da mascara de fria tranquillidade com que disfarçava as crueis agonias de um soffrimento recalcado nas profundezas do seio offegante. Ao chegar ao sitio afastado, na base da montanha, ella se deixou cair extennada sobre um rochedo, e, vencendo todas as repressas do orgulho, num violento desaffogo, rebentaram-lhe dos olhos candaes de pranto, a que o marulho da fonte do Paraiso respondia num echo doloroso.

O sol descambava doirando a crista hirsuta da montanha, e crúa claridade claridade coada através da folhagem se attenuava docemente. Amelia limpou o rosto, reparou a desordem dos cabellos e, restaurada a tranquillidade ao rosto marmoreo, dirigiu-se para o palacio, onde encontrou reunidos, na sala de jantar, o conselheiro Antonio, Sergio de Lima, Martins e Souza

e Mello, commentando o accidente. Elles tinham dado o exemplo de obediencia ás prescripções do medico, afastando-se do *chatô*, onde não poderiam conversar á vontade. Em vão, pretenderam trazer a marqueza de Uberaba: ella resistiu; queria ficar perto do doente, daquella creatura idolatrada, cuja vida era a sua ultima consolação.

Souza e Mello exaggerava a gravidade do ferimento, fazia vaticinios pessimistas e, dirigindo-se a Amelia, que atravessava o salão, pediu-lhe noticias. Ella respondeu-lhe com um gesto negativo.

— Será uma fortuna — observou o advogado — não sobrevir a peritonite. O nosso Oscar tem molestia para muito tempo.

— Ha de valer-lhe a robustez não vulgar — apartou Sergio de Lima — Nos sertões do norte esses ferimentos curam-se facilmente com os remedios caseiros. Occorre-me o caso de um vaqueiro que teve o ventre rasgado pelo chifre de um touro; cozeram-no com uma pequena sovêla de sapateiro, applicaram-lhe emplastos adstringentes de entrecasco de jucá e o homem ficou completamente restabelecido ao cabo de alguns dias. A horrivel ferida cicatrizou, ficando-lhe uma pequena hernia, que elle amparou com uma silha. Ora, para a cirurgia moderna um caso desses trata-se facilmente, salvo algum accidente.

— E' isto, o accidente, o imprevisto — retrucou Souza e Mello — superiores á capacidade, á sciencia humana, o que me preoccupa.

— E arriscar uma vida preciosa — repetiu o conselheiro — por uma imprudencia.

— Oscar—murmurou Amelia—não devia confiar em Hortencia. Bem sabia quanto ella é temeraria, estouvada.

— Hortencia não tem culpa — observou Sergio de Lima — O homem mais adestrado nesse genero de *sport*, não poderia evitar o desastre. Pobre Hortencia! Quanto tem soffrido, quanta angustia lhe opprime o coração.

— O senhor não conhece bem aquella menina — affirmou Amelia, com um ligeiro sorriso de amargura. — Não sabe quanto é teimosa. Dir-se-ia que o perigo a fascina, a enlouquece...

Neste momento, ella foi interrompida pela apparição de Dolores surgindo de vagar, com precaução, e apoiando-se extenuada á porta do salão. No rosto livido se lhe desenhavam traços de terror e nos olhos espantados, brilhando na penumbra de palpebras rouxeadas, havia uma afflictiva interrogação, que não ouzavam proferir os offegantes labios entreabertos.

— Não si affija—disse-lhe Souza e Mello, tomando-lhe as mãos geladas—

O nosso almirante escapou por um triz.

Dolores respirou num soluço de allivio.

— O medico—observou Amelia, em tom secco — não permite ninguem junto do doente. A mais ligeira commoção pôde arriscar-lhe a vida.

— E' por isso que o deixamos no *chatô*, onde repouza tranquillamente—ponderou o conselheiro, amenizando a rispidez da iutimação da filha—Amelia deu exemplo de obediencia vindo connosco. Ah, miulha querida senhora, que susto nos abalou quando soubemos por uma ordenança do almirante Wandenkolk, que mora na Gavea, da iuesperada nova.

Dolores se sentára na cadeira proxima e fitava em Amelia os olhos supplicantes.

— Que horror, que horror! — murmurou, com voz apagada.—Si eu pudesse...

— Tenha paciencia—replicou Amelia, percebendo o pensamento de Dolores. — A recommendação do medico é peremptoria.

Dolores quedou-se humilhada, vencida pela dureza cruel das palavras de Amelia, a lhe espicaçarem o coração como alfinetes de odio. Não ouzava repetir o pedido, para não soffrer a tortura da recusa e se submettia, sem protesto, áquella negativa inexoravel que a contundia como um latego.

Ante a dolorosa prostração da pobre creatura, Amelia estremeceu a um passageiro impulso de piédade, mas, readquirindo a sua attitude auctera, envolveu-a um olhar de desdém e saiu serenamente da sala, para não testemunhar o escandalo daquella magua criminosa.

Sergio de Lima e Souza e Mello trocaram significativos olhares, ao passo que o conselheiro, agitando levemente a cabeça encanecida, se dirigia para uma das janellas, onde divizava, como num quadro, o panorama do *chatô* surgindo da folhagem espessa, do bosque conservando por Hortencia.

Tomando subita resolução, como si lhe restaurassem as energias, Dolores ergueu-se, saúdou os tres amigos e deixou o salão.

(Continúa).

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

**

As officinas dos « Annaes », dispoendo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

ACADEMIA BRAZILEIRA

No *Pharol*, de Juiz de Fóra, edição de 13 do corrente, escreveu o sr. Lindolpho Gomes, antigo collaborador do velho jornal mineiro, uma chronica fortemente gentil para com o nosso director.

Transcrevendo o seu generoso artigo, queremos assegurar ao amavel escriptor a nossa mais sincera gratidão—sem embargo do enleio em que Domingos Olympio se acha deante dessas linhas, tão exuberantes, de tão excessiva bondade.

—

Domingos Olympio não se apresentará candidato á vaga na Academia de Letras, vaga ultimamente aberta com o fallecimento do illustre homem de letras Pedro Rabello, um dos muitos escriptores de merito injustamente julgados pelos officiaes do mesmo officio.

Essa resolução do preclaro autor de *Luzia Homem*, a quem consagro de ha muito o melhor da minha admiração litteraria, não causou a ninguem o menor espanto.

Do caracter purissimo de Domingos Olympio era mesmo de presumir-se esse proceder altivo, resolução inabalavel. A derrota revoltante que lhe foi infligida na ultima eleição que deu ganho de causa a Mario de Alencar, que, como belletrista, absolutamente não pôde hobrear-se com o vigoroso estylista, com a organização omnimodamente artistica do notavel chrouista politico e impeccavel romancista, que legou á litteratura patria uma obra forte, vibrante, original e escoreita como *Luzia Homem*; não feriu sómente o amor próprio de Domingos Olympio, que o paiz litterario em pezo apontava como o legitimo substituto de José do Patrocínio; tornou por ventura mais altiva a sua frente de homem digno e fel-o superior a essa Academia, em que a politica já exerce á sua influencia nefasta, o seu mandonismo auctoritario para guindar os seus protegidos com prejuizo da justiça e, quiçá, do brilho dos seus annaes.

Essa resolução de Domingos Olympio só pôde provocar applauso e attraír maior numero de sympathias para a sua individualidade respeitavel, querida, e que, seja dito, já não precisa de outra consagração sinão mesmo a que lhe faz diariamente a imprensa nacional, que o cumúla de honrarias e o corôa de louros.

Depois, isto de ser academico...

Zola tambem não o foi e era o maior dos romancistas do mundo.

Mas a Academia Brasileira bem podia resgatar o perdão do seu crime, espontaneamente elegendo por unanimidade de votos o illustre homem de letras, com o qual a maioria dos membros daquella casa foi tão injusta.

Creio, que só por esse rasgo de arrependimento da Academia, Domingos Olympio consentiria em ser considerado *immortal*.

De outra fórmula, é melhor que elle fique, na sua resolução digna e nobilissima, com a immortalidade que o povo brasileiro jámais lhe negará, aclamando-o todos os dias, pela palavra insuspeita da imprensa, o maior dos romancistas nacionaes.

Será assim o nosso Zola, attestado vivo, como victima, do quanto pôde o espirito de injustiça que tanto corrompe e deprime a nossa epocha. — LINDOLPHO GOMES.

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

Terminou o torneio annual de xadrez da segunda turma, segunda classe, no Club de xadrez.

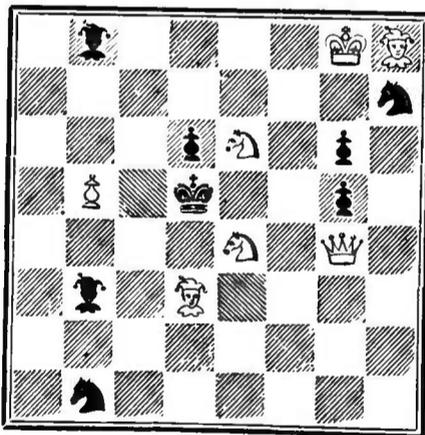
Foram vencedores, em primeiro lugar, com 7 pontos, o dr. Isaac Mesquita; em segundo, o dr. Theodomiro Cintra, com 5 pontos.

O dr. Macedo Soares e o sr. Luiz Fonseca conquistaram o terceiro lugar, com 3 pontos cada um. O quarto lugar coube ao sr. Victor Dreyer.

PROBLEMA N. 33

Rev. Gilbert Dobbs

PIRNAS (8)



BRANÇAS (7)

Mate em dois lances

**

PARTIDA N. 35

(Jogada no torneio de S. Paulo, 1905)

GIUOCO PIANO

Branças

Pretas

(Souza Campos)

(Mauricio Levy)

P 4 R — 1 — P 4 R
C 3 B R — 2 — C 3 B D

B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 3 D	— 4 —	P 3 D
P 3 T R (a)	— 5 —	C 3 B R
B 5 C R	— 6 —	B 3 R
C D 2 D	— 7 —	P 3 T R
B 4 T	— 8 —	B × B
C × B	— 9 —	D 2 R
P 3 B	— 10 —	P 4 C R
B 3 C	— 11 —	C 4 T R
D 2 R? (b)	— 12 —	C 5 B
B × C	— 13 —	P R × B
P 4 C D	— 14 —	B 3 C
C 2 T	— 15 —	P 4 T R
C 3 B (c)	— 16 —	T 3 T
P 4 T D	— 17 —	P 3 T
C × B	— 18 —	P × C
C 2 D	— 19 —	R 1 B
C 4 B D	— 20 —	D 2 B
R 2 D	— 21 —	T 1 B
T D 1 B D	— 22 —	T 1 R
D 3 B	— 23 —	C 4 R
C × C	— 24 —	P × C
T R 1 D	— 25 —	D 2 D!
T 1 T D	— 26 —	P 5 C
P × P	— 27 —	P × P
D 2 R	— 28 —	T 7 T
T 1 C R	— 29 —	P 4 B
R 2 B (d)	— 30 —	D 3 B
P 5 T	— 31 —	T 1 B
D 1 R	— 32 —	P 4 C (e)
T 1 D	— 33 —	T 1 R
T 2 D	— 34 —	T 2 T
P × P	— 35 —	T 2 B D
T 2 R	— 36 —	T D 1 B D
T × P	— 37 —	D × P x
D × D	— 38 —	T × D x
R 1 C	— 39 —	T 6 C x
R 1 T	— 40 —	T × P C D
T 1 T	— 41 —	T 6 B
R 2 T (f)	— 42 —	T 7 B x
R 3 T	— 43 —	T 5 T x
R 3 C	— 44 —	T × P B R
T 8 T x	— 45 —	R 2 C
T (8 T) 8 R	— 46 —	T × P C
T (8 R) 7 R x	— 47 —	R 3 B
T (7 R) 6 R x	— 48 —	R 2 B
T 7 R x	— 49 —	R 3 B
T (7 R) 6 R x	— 50 —	R 2 B
P 6 B (g)	— 51 —	P 6 B!
T 6 D	— 52 —	T 7 B
T 5 C R	— 53 —	T 3 R
T × T	— 54 —	R × T
T 5 B R! (h)	— 55 —	R 2 B
R 3 B	— 56 —	P 5 C x
R 3 C	— 57 —	T 6 T x
R 4 B	— 58 —	T 6 B x
R × P	— 59 —	T × P
Abandonam	— 60 —	

(a) Muito tímido.

(b) CR × P R! Si 12... C × B; 13 — C × CD, P × C; 14 — P × C, etc. E a qual-quer outra resposta das Pretas, parece-nos que as Brancas tem sempre vantagem.

(c) Tempos perdidos.

(d) O melhor. P × P dava ás Pretas um ataque fortissimo.

(e) A estrategia de Mauricio Levy é habilissima. Elle tem até aqui paralyzado os movimentos do adversario, impedindo formalmente a saída das snas peças. E' muito melindrosa a situação das Brancas, cuja Dama e Torres estão sitiadas, ao passo que o jogo das Pretas se desenvolve.

(f) As Pretas ameaçavam mate.

(g) E' extraordinario que Souza Campos, tão habil, tenha recusado o empate que aqui as Pretas lhe offereciam.

(h) Ultima taboa. Si 55... R × T, as Brancas ganhariam.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 31 (A. P. Silveira): T 6 B R

JOSÉ GETULIO.